

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ILCÉA SÔNIA MARIA DE ANDRADE BORBA MARQUEZ

GÊMEOS, SUBJETIVIDADE E NARCISISMO:
ESPECIFICIDADES INTERFERENTES

Dissertação de Mestrado

Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica

Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ILCÉA SÔNIA MARIA DE ANDRADE BORBA MARQUEZ

GÊMEOS, SUBJETIVIDADE E NARCISISMO:
ESPECIFICIDADES INTERFERENTES

Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica
Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura

São Paulo
2008

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

Aos meus pais
Irajara Nogueira Borba
e
Sylvia Borges de Andrade Borba

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao Professor e orientador Dr. Renato Mezan, pela bondosa acolhida e instigantes contribuições fatores asseguradores ao processo de escrita que arrisca uma certa criatividade no campo da Clínica Psicanalítica. Pela sua sensibilidade contribuiu na superação das barreiras iniciais e, por fim, nas exigências rigorosas que tornaram possível um trabalho mais científico.

Aos professores: Manoel Tosta Berlinck, Luis Cláudio Figueiredo e Alfredo Naffah Neto que tão bem desempenham o papel daqueles que dividem os conhecimentos adquiridos, escutam as interrogações, provocam a busca em renovados estudos.

Aos colegas da PUC/SP pelo estímulo e contribuições

À Tânia Ulhoa pela leitura carinhosa e revisão cuidadosa do texto.

Às gêmeas Aní e Iná Bittencourt – verdadeiras musas inspiradoras.

Aos clientes que instigam, provocam e direcionam o crescimento profissional.

Ao companheiro inseparável: Antonio Sérgio Marquez, que na plenitude de ser esposo acaba por se tornar co-autor desta experiência de estudos e profissionalização – presença constante nas viagens e nas interlocuções profundas e constantes há tanto tempo.

À minha família que soube compreender minhas escolhas pelo estudo, pela vida profissional, e aceitar minhas ausências junto a ela.

Às minhas auxiliares: Maria Alice Barbosa e Maria Odete dos Santos Silva fatores de segurança e sustentação nestes anos de estudos e dedicação fora de casa.

GÊMEOS, SUBJETIVIDADE E NARCISISMO: ESPECIFICIDADES INTERFERENTES

Resumo

Esta dissertação procura esclarecer a especificidade dos nascimentos gemelares e possíveis conseqüências tanto no imaginário parental quanto dos próprios gêmeos. Trata-se de uma situação não-habitual onde um óvulo se divide em dois ocasionando, então, a formação de dois seres em tudo idênticos: mesmo grupo sanguíneo, enzimas, proteínas, características físicas e tendências patológicas: seres em duplicatas.

Para os pais representa um desafio a mais no desempenho das tarefas próprias da maternidade e paternidade. Os nascimentos duplos os colocam frente aos mistérios da vida, da reprodução, e do espaço intrauterino. Quando os pais ressaltam as igualdades nas escolhas de nomes similares, roupas e brinquedos iguais, na verdade estariam negando a dupla, tratando-os como se fossem uma coisa só – atitudes plenas de conseqüências para o futuro.

Para os próprios gêmeos representa uma dificuldade a mais no sentido da aquisição de identidade única e singular uma vez que os gêmeos se acompanham mutuamente sem ser ilusão ou alucinação. Assim eles são defrontados com algumas questões: Quais as conseqüências de viver na intimidade do idêntico e ter que se constituir e se reconhecer como exterior e diferente?; Como conseguir um lugar próprio no desejo dos pais, na família e depois no social, apesar dos falsos reconhecimentos e das confusões de todos incapazes de uma diferenciação estável?

Esta dissertação está fundamentada no pensamento de Sigmund Freud e outros autores psicanalíticos como Otto Rank, André Green, Jacques Lacan, René Kaes, Joyce McDougall, Eduardo Braier, Beatriz Salzberg, Bernard Tanis, Renato Mezan, Maria Rita Kehl e outros que contribuem para o esclarecimento das questões que os gêmeos nos suscitam: as imagens especulares, as sombras, os espíritos, a idéia de alma, a estranha questão do duplo e idêntico, a experiência narcísica e o complexo fraterno,

O método utilizado é a análise conceitual dos textos selecionados e material clínico colocado em discussão e tem a Clínica Psicanalítica como fundamento e destino.

PALAVRAS CHAVES: Gêmeos, Narcisismo, Complexo Fraterno, Superego.

**TWINS, SUBJECTIVITY AND E NARCISSISM:
SPECIFICITIES INTERFERANTS**

SUMMARY

The objective of this study is to clarify the twin births specificity and possible consequences either on parental imaginary or in the proper twin. It is an unusual situation, where one ovule is divided in two, causing, then, the creation of two identical human beings: exactly the same sanguineous group, physical enzymes, proteins, physical characteristics and pathological trends: human being in duplicate.

This situation represents another challenge for the parents in the performance of maternity and paternity proper tasks. The double births guide them to life mysteries - the reproduction and the intrauterine space. When parents stand out the equal equalities in their choices of similar names, clothes and toys, actually they are denying the pair, considering them as if they were only one – such attitudes lead to future consequences

For the proper twin, it represents one more difficulty related to the achievement of a unique and singular identity, since they mutually follow themselves, without being illusion or hallucination. As a result they face some questions: Which are the consequences of living in the privacy of the identical and having to compose and recognize themselves as exterior and different? How to obtain a proper place in their parents' desire, the family and later in the social environment, in spite of the false recognizing and the confusions of all, incapable of a steady differentiation?

This present study is based on the thought of Sigmund Freud and other psychoanalyst authors, as, Otto Rank, André Green, Jacques Lacan, René Kaes, Joyce McDougall, Eduardo Braier, Beatriz Salzberg, Bernard Tanis, Renato Mezan, Maria Rita Kehl and others who contribute for the clarification of the questions involving twins: the specular images, the shadows, spirits, the idea of soul, the strange question about the double and identical, the narcissism experience and the fraternity complex.

The used method is the conceptual analysis of the selected texts and clinical material placed in discussion and it has the Psychoanalyst Clinic as elementary and purpose.

KEY WORDS

Twin, Narcissism, Fraternity Complex, Superego

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capitulo I – GÊMEOS	20
I. 1 - Os gêmeos nos mitos e na literatura	33
I. 2 – A questão gemelar nos estudos antropológicos	43
Capitulo II – SUBJETIVIDADE	47
II. 1 – Identificação primária	50
II.2 – Estádio do espelho	54
II.3 – Estruturação superegoica	66
II.4 – “Gêmeos: onde está a semelhança?”	71
II.4.1- Conclusão	73
II.4.2- Comentário	73
Capítulo III – NARCISIMO	75
III. 1 – Complexo fraterno	82
Capitulo IV- ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO DE CHICO TEIXEIRA	
“CARREGO COMIGO	98
IV. 1.1- Trocas de identidades	99
IV. 1.2- Experiências repetidas	100
IV. 1.3- Vinculo afetivo	101
IV. 1.4 – Orgulho dos pais	102
IV. 1.5 – Consciência da condição especial	102

IV. 1.6 – Sexo	102
IV. 1.7 – Desejo de ser único	102
IV. 1.8 – Desejo de igualdade	103
IV. 1.9 – Medo da separação	103
IV. 1.10 – Medo do Confronto	103
Relatos Marcantes	103
Fusão	104
Cena Final	105
IV. 2 – Comentário	105
Capítulo V – À GUIA DE CONCLUSÃO	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

“Será essa fórmula confirmada pelo estudo dos gêmeos? Sabe-se que numerosos mitos lhes imputam a potência do herói, através do que é restaurada na realidade a harmonia do seio materno, mas à custa de um fratricídio. Seja como for, é pelo semelhante que o objeto como o eu se realiza: quanto mais pode assimilar de seu parceiro, mais o sujeito conforta ao mesmo tempo sua personalidade e sua objetividade, garantes de sua futura eficácia.” Jacques Lacan, 1938.

INTRODUÇÃO

“VOCÊS SÃO GÊMEOS?” Esta é “A PERGUNTA” invariavelmente feita aos gêmeos por “TODOS” que os encontram pela primeira vez. Em seguida os comentários: “PARECIDÍSSIMOS!” ou “TOTALMENTE DIFERENTES!” Estar diante de gêmeos desperta questões relacionadas com a identificação/identidade, a igualdade, a diferença acompanhadas por sentimentos variados. Certo desassossego acompanha a percepção de uma imagem duplicada, que poderia ser contido quando a pergunta “o que é isso?” é feita. Quando os sentimentos são agradáveis entendemos que eles propiciaram um “algo mais”, relacionado ao campo do prazer, em relação direta com a experiência do “idêntico”.

A imagem dupla que retorna do real é a externalização inquestionável da possibilidade de um duplo em si mesmo ou – idêntico a si mesmo -: uma imagem de si que o homem constrói e reconstrói ao longo da sua vida, e que o representa no seu mundo interno. Os gêmeos, enquanto idênticos, sustentam a ilusão da possibilidade de igualdade entre representação e representado, da não divisão do sujeito. Dar de frente

¹ LACAN, J. “Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia”. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 40.

com pares gemelares, em perfeita sincronia e harmonia acentuada pelas igualdades que o costume popular consagrou - roupas, adereços, estilo e comportamentos - comprovamos ser possível estar em harmonia consigo mesmo, de acordo com o ideal de superação dos conflitos internos, resultados da dinâmica de funcionamento de um aparelho psíquico submetido a forças contraditórias e em oposição.

Uma outra causa para o prazer que os gêmeos nos despertam, em relação direta com o interesse e atenção que lhes damos, está na possibilidade de liberação do domínio do EU único e absoluto senhor das ações humanas. O par gemelar apresenta-nos a oportunidade de escape do Eu prisão, pois sendo dois revela a viabilidade de uma segunda instância, uma segunda expectativa, uma segunda exigência, ou ainda uma segunda oportunidade.

Há uma quebra do absoluto e do um – possibilidade de dois objetos e um sujeito dividido. Ampliamos ainda mais os desdobramentos quando refletimos que o sujeito é também seu primeiro objeto, assim ele, o sujeito, se vê livre de uma identidade restritiva, pode viver situações diferentes ou semelhantes ao usual, despertando nos outros o sentimento da confusão, e a si mesmo o prazer. Tanto uns quanto o outro, os gêmeos e aquele que os observa, vivem o mesmo sentimento prazeroso.

Já as questões da gemelaridade são despertadas não só naqueles que se colocam diante deles, os gêmeos, mas também neles próprios que vivem a situação diferenciada que é nascer de um parto duplo e de um mesmo óvulo que se subdivide. Cada um, ou cada par gemelar, encontra sua maneira própria de lidar com estas questões – identidade/alteridade, diferença e igualdade.

As gêmeas Ani e Iná Bittencourt publicaram uma autobiografia – Bittencourt, & Bittencourt: Gêmeos semelhança oculta² - onde descrevem fatos e situações de suas

² BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. “Gêmeos, semelhança oculta”. Uberaba: Vitória, 1999.

vidas, revelam sentimentos, expõem pensamentos, buscam compreender um sentido e um significado tanto da trajetória percorrida quanto da singularidade do nascimento gemelar.

Já Charbelle Jabbour e LÍlian Marques publicaram a pesquisa de conclusão da graduação em Psicologia – Jabbour & Marques: Gêmeos, onde está a semelhança?³ - desenvolvida a partir da questão da identidade nos pares gêmeares. Tanto umas quanto as outras utilizaram no título das publicações a palavra semelhante. Esta utilização repetitiva da palavra “semelhança” nos textos, nos títulos das publicações e filmes sobre gêmeos -; Ilcéa Sônia Maria de Andrade Borba Marquez, – Gêmeos Semelhança Revelada⁴; Filme: Gêmeos, mórbida semelhança – revela a importância deste termo na experiência gemelar, acrescido ainda pelo fato de que os gêmeos não se dizem iguais nem diferentes, mas sim semelhantes.

No estudo sobre gêmeos vemos a inclusão do semelhante na separação entre o igual e o diferente. Para Berenstein e Puget⁵ há uma atitude defensiva dos gêmeos frente à possibilidade de diferenciação – para não se perceberem diferentes se dizem semelhantes. Há uma perda dos limites definidores e discriminadores entre o que é diferente e o que é semelhante. O Eu se mostra incapaz de uma discriminação precisa “tratando como semelhante o que é diferente e, diferente o que é semelhante”.

³ JABBOUR, C. & MARQUES, L. “Gêmeos: onde está a semelhança?”. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000.

⁴ MARQUEZ, I. S. M. A. B. “Gêmeos: Semelhança revelada”. *Pulsional – Revista de Psicanálise* nº 185. p.26. São Paulo: Escuta, março/2006.

⁵ BÉRENSTEIN, I.; PUGET, J. “De l’engagement amoureux au reproche”. In: *La thérapie psychanalytique du couple*. Paris: 1984”. Dizem Berenstein e Puget: Considerations sur la psychotérapie du couple: de l’engagement amoureux au reproche (p. 155) que “a estrutura dos gêmeos é a expressão de um investimento narcísico que consiste na impossibilidade de aceitar as diferenças e de reconhecer as semelhanças. *Toma-se por semelhante o que é diferente, e por diferente o que é semelhante.* (grifo meu) É então o fracasso da função discriminativa do Eu que se sente atacada pela possibilidade de emergência da ansiedade face ao reconhecimento da diferenciação”.

Uma reflexão aprofundada sobre a palavra semelhante nos aponta que a mesma – a palavra semelhante - não fecha na igualdade, abrindo uma possibilidade para a diferença, mas também não fecha na diferença abrindo uma possibilidade para a igualdade.

Se ser semelhante não é ser igual também não é ser diferente. Com a palavra “semelhante” cria-se uma situação intermediária que esconde tanto aquilo que entre os gêmeos é igual como também aquilo que os diferencia. Ao se apresentarem como “semelhantes”, apagando assim as diferenças e também as igualdades criam uma categoria intermediária que não fecha nem para a igualdade e nem para a diferença.

Semelhante é o espaço do anonimato - não tem definição de um ou de outro por isso possibilita tanto um quanto o outro de acordo com o todo da situação ou da fantasia que se veste. O costume popular de vesti-los e penteá-los da mesma maneira, usando os mesmos adereços e até mesmo nomes complementares, invertidos ou divididos como nos casos de Aní e Iná, Célia e Celma, ou Roberto e Carlos (nome composto de um artista muito conhecido que os gêmeos passam a dividir entre si)... distorce os aspectos diferenciadores, cria a confusão dificulta a discriminação correta deles por todos aqueles que se aproximam: em suma, favorece a ilusão do idêntico, a sincronia e a simetria Otto Rank, : Don Juan et le double, p.97 nos explica: “No começo os gêmeos não podiam executar suas ações heróicas se não permanecessem juntos porque é precisamente a gemealidade que lhes assegura a imortalidade⁶”. Ou seja, é na gemealidade que eles encontram sua força e poder; é pelo nascimento gemelar que eles se tornam heróis, imortais e sobre-humanos. Para Rank isso se explica através de uma das significações do duplo: a alma imortal que aqueles seres especiais trouxeram junto a

⁶ RANK, O. “Don Juan et le double”. p. 97. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932.

si ao nascer. O psicanalista austríaco encontra na idéia de alma ou espírito a base para a crença de uma possibilidade de feitos heróicos: é imortal, portanto asseguradora da vida eterna, e com ela o homem venceria a batalha até então inglória com a morte. Os gêmeos representam a externalização objetiva desta duplicidade humana: corpo e alma bem como a possibilidade de experimentar o eterno.

Percebo ainda um outro aspecto esclarecedor a ser analisado sobre a consequência da escolha do adjetivo semelhante, pelos pares gemelares, em contrapartida ao igual ou diferente na autodefinição. Como o “semelhar” é anônimo e impreciso ele viabiliza a indefinição tanto da igualdade quanto da diferença. Esta indefinição cria uma área livre de ligações precisas dando oportunidade de manipulação do igual e do diferente de acordo com o desejo ou a vontade ou ainda sendo esta opção duradoura ou momentânea. Assim aos gêmeos é dada a possibilidade de se fantasiarem de idênticos, duplas ou sombras, ou ainda de indivíduos únicos.

Quando há o apagamento das diferenças e a busca pela igualdade entre eles, os gêmeos estariam demonstrando o desejo de locar a igualdade entre eles bem como lançar para fora do par a diferença. Dessa forma eles poderiam pertencer a uma casta diferenciada, superior, responsável pelo asseguramento de um lugar privilegiado ou especial no grupo social dos indivíduos. Este lugar favorece o interesse e a atenção de todos sendo ao mesmo tempo distinção singular e confusão identificatória – distinção frente à massa homogênea de indivíduos, fusão do par gemelar - perigo de ser e viver sem a experiência do uno. Enquanto distinção especial os gêmeos se sentiriam como um grupo peculiar, diferenciados em relação à massa compacta dos outros, formando uma exceção, um caso à parte, relevado. Estas situações podem se tornar um alimento ao amor por si mesmo. Podem provocar uma fixação e um aprisionamento no narcisismo primário.

Na fala dos gêmeos encontramos indagações sem respostas sobre a causa da duplicação: a ciência ainda não consegue explicar por que um óvulo se divide em dois resultando dois seres em tudo iguais. A origem gemelar adquire assim um matiz misterioso, uma confrontação com o mistério da reprodução, da gestação, e da vida intra-uterina.

Dessa forma, somos levados ao texto de Sigmund Freud (1919) “O Estranho”⁷. De acordo com a definição dada no mesmo na categoria de estranho estaria tudo aquilo que sendo familiar retorna agora como diferente e até mesmo misterioso. O impacto causado está nesta polaridade do conhecido e desconhecido, na impossibilidade de um conhecimento total do objeto dado a conhecer: sempre resta algo inacessível, refratário, velado ao conhecimento. Este resto às vezes se impõe provocando uma sensação de estranheza que alerta para o perigo, e a angústia é deflagrada automaticamente. Assim reconhecemos em toda situação familiar a possibilidade de sobrevir o estranho.

Como é alta a frequência dos nascimentos estes acabam se tornando conhecidos e familiares; no entanto quando acontece o nascimento duplo a situação se inverte revelando tudo de desconhecido que a reprodução, a vida intra-uterina, o mistério do interior do corpo nos apresenta. Os gêmeos nos remetem assim ao duplo, à sombra, à experiência do idêntico, ao espírito juntamente com as emoções inerentes às mesmas.

No capítulo I a seguir abordaremos os gêmeos nos mitos literários e nos estudos antropológicos onde nos defrontamos com a utilização dos significados simbólicos de gêmeos pelos autores literários, bem como nas revelações contidas nos estudos antropológicos quando mostram as normas de aceitação/rejeição e cerimoniais ritualísticos criados pelas sociedades primitivas ao se confrontarem com os nascimentos duplos.

⁷ FREUD, S. (1919). “O estranho”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Ao entrarmos em contato com este vasto material, é impossível não ficarmos inquietos com as experiências únicas dos nascimentos gemelares que tanto hoje quanto ontem, aqui e acolá marcaram presença no imaginário social criaram significados simbólicos e rituais de apaziguamento para aceitação ou rejeição. Nossa inquietude se faz presente desde a indefinição que esta palavra de eleição para a situação dos gêmeos – semelhantes – evidencia. Como a categoria do semelhante não fecha na igualdade e nem na diferença; se somos capazes de distinguir, diferenciar, separar e enumerar os pares de gêmeos numa multidão a partir apenas da percepção visual, muitos outros que também tenham nascido acompanhados de seus pares univitelinos passarão despercebidos na mesma multidão. Uns mostram-se iguais, unidos; outros diferentes e separados.

Se podemos receber na clínica aqueles cujas primeiras palavras são: “eu tenho um irmão gêmeo”, outros passarão por todo o processo sem revelar ao analista sua condição de ser produto de um nascimento gemelar. O que está na base destas situações? Por que alguns nascem, crescem vivem e morrem como gêmeos, enquanto outros nascem, crescem e se distinguem, se diferenciam do seu par? Precisamos ser capazes de distinguir o que caracteriza propriamente a experiência de nascer juntamente com um outro que espelha, acompanha, sem ser ilusão e, assim, permanecer para sempre; das situações fantasiosas do gêmeo imaginário ou ainda daquela que mesmo se tratando do nascimento gemelar não há impecílio à diferenciação.

O problema central da gêmealidade consiste na possibilidade da indiferenciação, no obstáculo à separação de Eu-Não Eu, na questão da identidade-alteridade, bem como nas defesas utilizadas para a adaptação dos pares frente à vida. Parece que os nascimentos duplos não inviabilizam a diferenciação: apenas dificultam.

No entanto, para uma caracterização adequada de tudo aquilo que lhe é específico, nós devemos tentar isolar nosso objeto de pesquisa e buscar estudá-lo, numa atitude similar ao uso de uma luneta. Numa primeira observação isso mostra que: os pares gêmeos nos remetem às imagens especulares, às sombras, aos espíritos, à idéia de alma, à estranha questão do duplo e idêntico bem como à experiência narcísica e o Complexo Fraternal, temas que serão abordados nesta dissertação.

Aqui é o momento de introduzir uma questão, retomar duas passagens do texto freudiano – prefácio da primeira edição da “Interpretação de Sonhos⁸” e um trecho de uma carta dirigida ao pastor Oscar Pfister , como também a Introdução de: Freud, Pensador da Cultura – obra de Renato Mezan⁹.

No Prefácio Freud explicita a dificuldade que teve para encontrar exemplos de sonhos que poderiam ser interpretados sem a interferência de processos neuróticos ou esclarecimentos desnecessários do intrincado processo analítico em desenvolvimento por seus pacientes. A solução que encontrou: dar exemplos dos próprios sonhos, o colocaria na incômoda situação de revelar-se mais do que o necessário a um homem de ciência. Na carta a Pfister complementa dizendo que “a discricção é incompatível com uma boa exposição sobre psicanálise”.

Mezan questiona a desigualdade e independência dos dois registros: a vida interior do pesquisador e o conhecimento teórico. Para ele não existe uma questão em si; e sim um pesquisador que se inquieta com algumas questões e se propõe a elucidá-las.

Compartilhando de suas reflexões eu diria que só nos apessoamos (tomamos posse tornando-a pessoal) de uma questão quando ela encontra eco na nossa vida

⁸ FREUD, S. (1900). “A Interpretação dos Sonhos”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

⁹ MEZAN, R. “Freud, pensador da cultura”. 5a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

psíquica. Só assim poderemos nos debruçar sobre o tema - pesquisando, pensando, analisando e concluindo – durante tanto tempo e com a dedicação que um trabalho científico exige.

Assim sendo introduzo um aspecto da minha história de vida sem querer transformar esta dissertação num processo psicanalítico, que deve ser vivido em outra relação, mas somente com o intuito de demonstrar o processo de compreensão teórica psicanalítica no seu vai e vem entre o estudante/pesquisador ou sujeito do conhecimento e ao mesmo tempo objeto deste mesmo conhecimento.

Retomando a pergunta que inicia o texto: “VOCÊS SÃO GÊMEAS?” Esta mesma pergunta também foi feita a mim, frequentemente, nos meus doze primeiros anos de vida. Sou a terceira de um total de cinco filhas e, em relação à minha irmã, que me antecedeu há um espaço de apenas um ano e quatro meses. Apesar das evidentes diferenças entre nós: uma loira dos olhos verdes e outra morena dos olhos pretos nossa mãe resolveu vestir-nos sempre como se fossemos gêmeas. Acredito que só num aspecto éramos iguais: no tamanho, mas nossa mãe demonstrava inquestionável prazer toda vez que escutava a pergunta seguida do seguinte comentário: Elas são gêmeas? Que gracinha uma loira e outra morena!

Acredito que esta ressonância do externo no interno, a criação deste espaço intermediário entre a objetividade científica – ideal perseguido por todo pesquisador – e as marcas subjetivas presentes no aparelho psíquico do próprio pesquisador facilitaram a captura do meu interesse, necessária para a tentativa de elucidar as questões gemelares. A situação não-habitual dos nascimentos duplos apresenta-se aos que a vivem desafios específicos englobando o próprio nascimento, a construção de uma

identidade própria e o narcisismo onde se localiza o Complexo Fraternal. Poderia categorizar três vicissitudes dos nascimentos gemelares:

- indiferenciação do par de gêmeos, fusão identificatória com assunção de uma identidade onde a palavra “gêmeo” é usada no lugar do nome próprio e a alteridade lançada fora da dupla fusionada, para os outros da massa de indivíduos. Experiências particulares e organizadoras de estruturas específicas onde reconhecemos o narcisismo e o complexo fraternal;

- diferenciação entre eles e assunção da identidade própria a cada um do par gemelar que desta forma não apresenta nenhuma especialidade relativa a todos os outros indivíduos;

- diferenciação e depois retorno ao tempo da indiferenciação da confusão identidade e alteridade.

Esta dissertação se apresenta estruturada em três conceitos fundamentais: gêmeos, subjetividade e narcisismo. Dizemos que estes conceitos (gêmeos, subjetividade e narcisismo) são situações específicas, pois apresentam características próprias, suas especificidades, e referem-se a algo que se opõe ao genérico.

Caracterizando cada um dos termos nesta pesquisa temos:

Gêmeos univitelinos, nascidos da duplicação do óvulo, idênticos ou muito parecidos, seres em duplicata, aqueles que se originam no mesmo momento, de um mesmo óvulo, por isso têm o mesmo grupo sanguíneo, mesmas proteínas, enzimas, características físicas e iguais tendências patológicas. Estendo o conceito aceitando aqui

os gêmeos imaginários que por sua face ilusória colam-se definitivamente um ao outro submetidos como estão às leis do processo primário e, ao princípio do prazer: afastam-se do confronto com a realidade e têm sua catexia livre facilmente deslocada ou condensada.

Subjetividade, Em Mezan: Subjetividades Contemporâneas p.259 lemos: “A subjetividade é resultado de processos que começam antes dela e vão além dela, processos que podem ser biológicos, psíquicos, sociais, culturais, etc. Por isto, pode-se concebê-la como condensação ou sedimentação, num dado indivíduo, de determinações que se situam aquém ou além da experiência de si, e que de algum modo (...) lhe designam certos limites e condições.”¹⁰

Narcisismo, Em Freud, Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914) v. XIV p.105 vemos: “Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazermos estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual em alguns casos pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal.”¹¹

Nas interfaces, conjunções e injunções dos termos: gêmeos, subjetividade e narcisismo encontramos as questões norteadoras esta pesquisa:

Quais as conseqüências de estar desde o momento da gestação, com este "outro-si-mesmo"?; Quais as conseqüências de dividir os sonhos parentais no processo de concepção destes novos seres uma vez que compartilho da crença na importância dos sonhos parentais como precursores do EU primitivo?; Quais as conseqüências de viver na intimidade do idêntico e ter que se constituir e se reconhecer como outro exterior e diferente?; Como conseguir um lugar próprio no desejo dos pais, na família e depois no

¹⁰ MEZAN, R. “Subjetividades Contemporâneas”. p. 259 In: Interfaces da Psicanálise. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

¹¹ FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. p.105 In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

social, apesar dos falsos reconhecimentos e das confusões de todos incapazes de uma diferenciação estável?; Esta relação prematura e permanente com o idêntico influencia as ulteriores relações?; Em que medida?; Como entrave dos contatos sociais?; Até que ponto o real está presente na subjetivação?; Se acreditarmos na importância dos sentimentos vividos pela mãe durante a gravidez, os gêmeos receberão a mesma impressão? Por que alguns conseguem a diferenciação e outros não? Ou ainda Por que mesmo tendo vivido momentos individuais onde cada um assume identidade própria voltam a assumir a condição gemelar retomando o antigo costume das roupas iguais ou complementares?

CAPITULO I – GÊMEOS

A realidade do nascimento gemelar enquanto exceção em comparação aos nascimentos simples proporciona experiências singulares na atenção que desperta, bem como desafios diferentes para a tarefa dos pais. Não podemos tratar como iguais situações que são diferentes. Os nascimentos duplos são diferentes e representam desafios próprios aos que vivenciam esta situação, sejam os gêmeos mesmos, os pais, os filhos, os irmãos, os companheiros, os amigos.

Na vida das gêmeas Aní e Iná, o forte impacto ressonante desta situação levou-as a questionarem-se, a pesquisar junto a outros pares de gêmeos, buscando semelhanças e diferenças que, enfim, lhes esclarecesse tudo aquilo que era vivido intimamente e, que, no entanto não era possível expressar coerentemente por um discurso racional.

Aní e Iná encarnaram "a vida misteriosa dos gêmeos idênticos"; sofreram os impasses obstrutores à individualização, viveram os prazeres da presença constante de uma e de outra em suas vidas; temeram a ameaça de separação presentificada pela aproximação do terceiro; superaram os limites; completaram-se neles; "gozaram" na experiência de completude que a situação gemelar (dois que é um) proporciona. Destas vivências nasceu o desejo de expor, tornar público, assumir tanto o revelado quanto o oculto de suas mais íntimas experiências. Com a publicação legaram-nos um texto autêntico e natural que nos possibilita aproximações compreensivas sobre a realidade intrapsíquica destas gêmeas.

A leitura do livro "Gêmeos semelhança oculta" (Bittencourt & Bittencourt: Gêmeos semelhança oculta)¹² além de ser agradável, pois revela situações que as

¹² BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. "Gêmeos Semelhança Oculta". Uberaba: Vitória, 1999.

gêmeas viveram às vezes divertidas, às vezes dramáticas, e às vezes verdadeiras aventuras, também nos mostra, desde o início, mais do que as palavras mesmas, por exemplo:

- a utilização preferencial da primeira pessoa do plural;

- a abolição do nome próprio de cada uma como muito bem apontou Mario Salvador (Presidente da Academia de Letras do Triângulo Mineiro) na sua fala por ocasião do lançamento da obra.

Se o objetivo de Aní e Iná (Bittencourt & Bittencourt: Gêmeos semelhança oculta) era colocar em palavras, expor, explicar a experiência de serem gêmeas, tornando de domínio público seus mais íntimos sentimentos, suas mais intrigantes experiências, pela forma que o fizeram salientaram, mais uma vez, a *confusão* de duas em uma.

No meu entender, elas escreveram entre elas, para elas mesmas, e mais uma vez impediram a entrada do terceiro normalizador e neurotizante. Nós, seus leitores, terminamos a leitura do livro sem conseguir diferenciá-las historicamente: qual foi a história de cada uma? O que foi vivido unicamente pela Aní e o que foi vivido unicamente pela Iná? Quem era a melhor nos esportes? Quem era a melhor nos estudos? Quem pediu o dinheiro emprestado ao banco e ao mesmo tempo incorporou a fiadora, assinando a nota promissória em seu nome? Quem curou a irmã pela imposição das mãos depois do feio acidente? Assim usaram as palavras numa de suas inúmeras possibilidades o ocultamento. Como a força necessária ao ato criativo é o desassossego, poderíamos mesmo dizer a angústia, esta pode ter sido dominada apenas pela ligação do afeto desagradável a uma palavra a uma representação psíquica, mas certamente não serviu a mudanças. Escrever o livro pode ter sido uma experiência catártica, mas não desestruturante e estruturante como seria falar, sem censura, para um analista.

As gêmeas Ani e Iná constataram, pelas suas vivências, que não podem viver nem muito juntas e nem separadas:¹³ A causa deste conflito encontra-se no significado interno das duas situações: estar juntas como experiência ilusória de fusão: um corpo, um psiquismo, onde não haveria identidade individual e onde se apoiaria o narcisismo onipotente da completude. Estar separadas como desilusão: perda do complemento onipotente, possível instauração da diferenciação indivíduo/alteridade.

Os autores Joyce McDougall¹⁴ e Rank¹⁵ reconhecem na vida dos gêmeos esta experiência do corpo único e sua consequência: a ilusão de força e completude onipotente que é sentir-se como tendo um só corpo, um só sexo, um psiquismo para dois. Um desdobramento com todas as possibilidades que representa o um que vale por dois, ou ainda as duas alternativas de um. Em termos populares é como se viesse ao mundo trazendo consigo o seu “estepe” – da impossibilidade de solidão às substituições oportunas e protetoras, todas se apresentam como situações comuns e repetitivas na vida dos gêmeos.

O psicanalista austríaco explica as ações heróicas atribuídas aos gêmeos por serem a concretização da idéia de uma dualidade: corpo e alma. Assim os gêmeos seriam aqueles que trouxeram consigo, ao nascer, sua alma imortal. É o fato de serem gêmeos que lhes assegura um lugar especial no imaginário cultural. É isso que os torna diferentes da maioria dos outros do social. É isso que atrai o olhar interessado das pessoas por onde passam.

¹³ “... não podemos viver nem muito juntas e nem separadas...” BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. “Gêmeos, semelhança oculta”. Uberaba: Vitória, 1999.

¹⁴ MCDUGALL, Joyce. “Teatros do Corpo: O psicossoma em Psicanálise”. São Paulo: Martins, Fontes, 2000.

¹⁵ RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932.

Mas, o prazer e a força decorrente da experiência de nunca estar só tem como “outra face” o medo da perda do controle sobre o outro si mesmo. Se se afastam uma da outra há o risco das ações feitas à revelia como na situação revelada pelo livro onde uma delas – Aní ou Iná – terminou um namoro no dia em que substituiu a irmã sem se preocupar para a vontade dela.¹⁶

"Durante toda nossa vida, nos amamos e nos odiamos com tanta intensidade, que não podemos viver muito juntas nem mesmo separadas. Como estrelas gêmeas, estamos presas no campo gravitacional, fadadas a girar em torno uma da outra para sempre.

Assim sendo, criamos jogos, artifícios e, regras para manter este equilíbrio. Esta é a nossa verdadeira história: uma ligação misteriosa na qual os extremos do bem e do mal levam, às vezes, à possessão de uma sobre a outra. É uma guerra silenciosa que nenhuma de nós pode ganhar: a luta pela individualidade, o direito inato pelo qual Tchang "matou" Eng, Jacob enganou Esaú, a luta pelo poder em que Romulo matou Remo. " (Bittencourt & Bittencourt, 1999, Orelha da capa).¹⁷

As gêmeas Aní e Iná (Bittencourt & Bittencourt: Gêmeos semelhança oculta) expressam claramente seu conflito fundamental quando tentam estando juntas recriar a ilusão de unidade corporal e mental com o seio-universo mágico – fator de sustentação de experiências onipotentes (a telepatia, o poder de cura pelas mãos);

¹⁶ Como nos diz McDougal, J. *Teatros do corpo* p.36 “Um corpo, um sexo, um psiquismo para dois.” e o Rank, O.: *Don Juan et le Doublé* p. 97 nos explica: “No começo os gêmeos não podiam executar suas ações heróicas se não permanecessem juntos porque é precisamente a gêmealidade que lhes assegura a imortalidade”.

¹⁷ BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. “Gêmeos Semelhança Oculta”. Uberaba: Vitóriaria, 1999, Orelha da capa.

vivendo, então, amor e ódio intensos: o amor como decorrente de tudo aquilo que na experiência gemelar é vivido como força e completude (dois que é um ou um que são dois), diferença especial em relação aos outros (não-gêmeos); e ódio como decorrente de tudo aquilo que impede a diferenciação subjetiva entre elas, entre o seu *self* corpo e seu *self* nascente.

“A fantasia do “corpo-único” primordial em todo ser humano, tem certamente seu protótipo biológico na vida intra-uterina, onde o corpo-mãe deve realmente prover as necessidades vitais dos dois seres... Mas existe também no bebê uma necessidade importante de separação... Os bebês procuram, por todos os meios de que dispõem, especialmente nos períodos de sofrimento físico ou psicológico, recriar a ilusão de unidade corporal e mental com o seio-universo mágico. Em outros momentos, porém, lutarão com igual energia para diferenciar seu corpo e seu *self* nascente do corpo e do *self* de sua mãe.”¹⁸

McDougall: Teatros do corpo, p.33, 34 e 35), Ana M. Vinoly Beceiro: Narcisismo y gemelaridad, una historia de amor, p.171 revela que a “ilusão de completude é uma eterna busca do humano.” No entanto também acrescenta que representa um “retorno aterrador e gozoso a um estado de passividade-fusão onde não há nem dentro nem fora, nem prazer nem desprazer, onde a morte se enlaça com o Nirvana.”¹⁹

A leitura do livro como um todo (Bittencourt & Bittencourt: Gêmeos semelhança oculta²⁰) leva-nos a perceber o quanto a experiência de serem gêmeas as absorveu aprisionando-as na dupla e quanto a entrada de um terceiro representou de ameaça de perda ou ruptura que acabam introduzindo uma outra questão, pois a irmã

¹⁸ MCDOUGALL, J. “Teatros do Corpo: O psicossoma em Psicanálise”. São Paulo: Martins, Fontes, 2000, p. 33, 34 e 35.

¹⁹ BECEIRO, A. M. V. “Narcisismo y gemelaridad, una historia de amor”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemeos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p.171.

²⁰ BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. “Gêmeos, semelhança oculta”. Uberaba: Vitória, 1999.

gêmea toma desde o início o lugar da mãe enquanto seio-universo mágico. Assim iniciamos a discussão sobre o significado particular de ser mãe de gêmeos.

Para uma melhor compreensão do desafio feito às mães de gêmeos convém lembrar o papel materno na vida de seus bebês – iremos da situação mais comum até a exceção -.

O universo dos recém-nascidos se reduz a eles mesmos e àquele que cuida deles – a mãe ou seu substituto - . Espera-se que os bebês consigam pouco a pouco: engajar-se num movimento cultural em andamento, assimilando as leis da linguagem; construir uma representação interna de si e do mundo; lidar adequadamente com as forças internas em constante ebulição conflituosa; assim como integrar a estas forças internas o adicional de estimulação proveniente do externo. Todas estas conquistas dependem do relacionamento mãe/bebê, principalmente da capacidade materna de apresentar gradativamente, de forma que possa ser assimilado pelo novo ser em formação, todos estes desafios.

Dentre os autores que contribuíram para a elucidação do papel da mãe junto ao seu bebê encontramos: Piera Aulegnier: *Violência da Interpretação*²¹ – p. 35 com o conceito denominado “Porta-voz”. Neste conceito a autora nos esclarece esta função materna privilegiada de mediadora entre o mundo e o bebê, enunciativa do discurso ambiente que filtra como uma pré-digestão, através da sua própria psique o meio ambiente e o apresenta ao infans de acordo com as suas possibilidades crescentes.

A situação gemelar duplica esta função: cabe à mãe realizar uma dupla regressão – pois somente pela regressão a mãe saberá dosar os estímulos antes da apresentação ao infans – uma dupla reflexão, singular a cada um do par gemelar. Beceiro, Narcisismo y

²¹ AULAGNIER, P. “A violência da interpretação: Do pictograma ao enunciado”. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 35.

gemelaridad, una historia de amor²² - p. 175 aponta esta dificuldade a mais para a mãe ou seu substituto que, no entanto, não pode ser dita como impossibilidade. É um desafio a mais de possível realização desde que a mãe esteja consciente da sua função e da importância na estruturação psíquica dos seus bebês.

A alimentação dos gêmeos também se apresenta diferenciada: para Marie-Christine Sourzat (Topique/51 p. 44) “quando, após o período de saciedade, se manifesta uma nova necessidade, é sempre ao outro, que ele dirigirá seu pedido, cuja presença substituirá, pelo menos em parte, a satisfação”.²³ Entendemos então que inicialmente os gêmeos tentarão proverem-se mutuamente em suas necessidades tanto fisiológicas quanto afetivas. Já durante o processo de alimentação. Sourzat (Topique 51 p. 44) reconhece, neste mesmo momento, uma experiência singular de clivagem, para os gêmeos. “A violência do desejo de ser alimentado se chocará, neste caso, com a espera da mãe, mas também com a espera que o outro-si-mesmo seja alimentado para então receber a alimentação por sua vez, situação onde o outro se torna um rival odiado. A mãe tornando-se o complemento do outro, tomando o lugar ocupado habitualmente pelo gêmeo, agora na espera e sentindo-se rejeitado, na solidão.”²⁴

Para ela é neste momento que nasce a rivalidade e o ódio: “ódio reativo à perda de um lugar passional assegurador, imaginário, de um poder narcísico.” Podemos pensar também que a cisão se daria entre ver-se e sentir-se sendo alimentado e o não aplacamento da necessidade quando é o outro-si-mesmo que está sendo alimentado.

²² BECEIRO, A. M. V. “Narcisismo y gemelaridad, una historia de amor”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 175.

²³ SOURZAT, M.C., “Les motif du jumeau”. *Topique Revue Freudienne*, 51, Les jumeaux et le double. França: Édition Dunod Revue, 1993, p. 44.

²⁴ *ibid.*

Lembramo-nos aqui do texto de Freud²⁵ “Bate-se numa criança” onde ele relata a experiência vivida por uma criança que revela, em sua análise posterior na vida adulta, ter vivido como experiência própria a correção física dada pelo pai ao irmão em sua presença.

Na situação gemelar a confusão entre os dois fica facilitada pela própria condição do nascimento duplo: eles estarão sempre juntos, em situações idênticas ou similares, frente aos mesmos objetos. A alimentação enquanto experiência real – alucinatória uma vez que aplaca uma necessidade de alimento ao mesmo tempo em que promove marcas mnésicas, pode ser ocasião de clivagem ou cisão quando o bebê se vê sendo alimentado e não sente o aplacamento da necessidade de alimento.

Um outro aspecto a considerar quanto à mãe e seus bebês se refere a um tempo anterior ao nascimento: o tempo da gestação com os desejos, os sonhos e as surpresas.

Na minha própria experiência havia um desejo materno por filhos gêmeos e uma tentativa de tornar real este desejo mesmo que seja impondo-o na realidade.

Um outro exemplo do desejo materno por filhos gêmeos encontra-se no documentário de Chico Teixeira: “Carrego Comigo” onde é relatada a experiência de Francisco e seu gêmeo (os cartunistas – neste texto p. 98) Eles relembram o sonho materno de ter filhos gêmeos e as “simpatias” feitas por ela até que o sonho se tornou real. No imaginário materno a questão gemelar aparece enquanto desejo há muito perseguido. Na minha clínica encontrei a seguinte situação trazida por um dos gêmeos: “quando nascemos nossa mãe sentiu-se incapaz de cuidar sozinha das duas crianças,

²⁵ FREUD, S. (1919). “Uma criança espancada” Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

principalmente à noite quando não teria a ajuda da nossa “mãe preta”. Assim combinou com nosso pai que cada um deles se encarregaria de um de nós. Os dois berços foram colocados nos dois lados da cama e como meu irmão chorava muito, era o menor e mais fraco, eu fiquei, no início da minha vida, sob os cuidados do meu pai.” São situações opostas onde se ressalta a adaptação materna ao nascimento gemelar.

A primeira uma adaptação positiva e a segunda negativa revelada na suposição da mãe de “não ser capaz” de cuidar das duas crianças ao mesmo tempo. Quais os efeitos dos nascimentos duplos no imaginário materno? A adaptação materna negativa seria mais comum nos partos duplos? Estas mães teriam uma dificuldade a mais para serem “mães suficientemente boas”? Retomando Beceiro: Narcisismo y gemelaridad, una historia de amor – p.175 o perigo se instala quando “A mãe objeto refletor, devolve uma só imagem para dois.”²⁶ Quando a mãe não consegue distingui-los e os trata como um só. Ao invés da separação individualidade/alteridade surge o duplo. O fantasma do duplo exprime e protege contra o processo de individualidade de acordo com o veto dos pais ou com a manutenção dos dois.

Desde o início, ainda no útero materno, a gestação gemelar apresenta uma especificidade própria, são dois fetos dividindo o mesmo espaço uterino, são dois bebês dividindo, ao mesmo tempo, o espaço psíquico de seus pais. Alessandra Piontelli: "Recherche sur les jumeaus avant e après la naissance" (Topique 51 p. 92)²⁷ apresenta-nos sua pesquisa com gêmeos. Ela acompanhou gestações gemelares, através de sessões de ecografia, durante mais ou menos uma hora desde a décima oitava semana da gravidez, mensalmente, até o nascimento. Desta forma, cada grávida foi submetida a cinco observações sob ecografia. Estas observações não incluíram nenhum tipo de

²⁶ BECEIRO, A. M. V. “Narcisismo y gemelaridad, una historia de amor”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 175.

²⁷ PIONTELLI, A. “Recherche sur les jumeaux avant et après la naissance”. *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Edition Dunod Revue, 1969, p. 92.

estimulação. Após o nascimento fez observações semanais destes mesmos bebés em suas casas. No decorrer da pesquisa observou reações individuais diversas dos fetos, no útero materno, em relação à presença do co-feto. Alguns não apresentam nenhuma reação aos pontapés ou cutucadas fortes dados pelo outro; outros parecem perceber o contato e fogem; outros ainda procuram repetir o contato. Como conclusão do seu trabalho ela nos diz que: desde a situação fetal os gêmeos se dão conta da presença do outro e reagem de diferentes maneiras a ela. Uns tentam um afastamento solitário, outros buscam a proximidade; alguns se acariciam mutuamente dentro do útero materno, outros se repelem e rejeitam.

Estas atitudes de afastamento ou proximidade apresentadas pelos gêmeos na vida intra-uterina foram mantidas após o nascimento, quer dizer aqueles que se procuravam e reagiam positivamente às aproximações mantiveram estas mesmas atitudes, o mesmo ocorrendo nas situações de afastamento solitário.

Da mesma forma as experiências, altamente significativas do processo evolutivo pós-natal, também serão vividas a dois, pois o gêmeo nunca está só, ele vive constantemente, desde a gestação, com este “outro si mesmo”.

Segundo Sourzat (*Le motif du jumeau – Topique* /51 p. 43) a situação gemelar leva a um “fracasso à introjeção do duplo maternal suplantado pela presença do duplo gemelar”.²⁸ A figura materna pode ser substituída pelo irmão, e este e não aquela forma com ele o todo completo onde nada falta. Se o gêmeo seria aquele que traz consigo, ao nascer, o seu duplo imortal como nos diz Rank²⁹ (1932 – p. 95) a primeira crença numa alma imortal habitando o indivíduo ou renascimento eterno, cria um princípio

²⁸ SOURZAT, M.C., “Les motif du jumeau”. *Topique Revue Freudienne*, 51, Les jumeaux et le double. França: Édition Dunod Revue, 1993, p. 43.

²⁹ RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932, p. 95.

independente da mãe ou do nascimento carnal ao qual denominou “princípio auto-criador”; e ainda na p. 102 Rank (1932) ao explicar o sentimento de serem sós contra o mundo inteiro expressado pelos gêmeos eles “provam que na realidade eles não têm família, eles são reduzidos a eles mesmos e é disto que vem sua força”³⁰.

Eduardo Braier (2000 p. 162) ao comentar sobre o deslocamento da mãe fálica ao irmão - objeto de contigüidade – nos fala que: “até aqui o gêmeo seria para cada irmão o próprio eu (eu ideal) e substituiria a mãe ideal da díade pré-edípica e, portanto, provida de falo com a qual um e outro desejam fundir-se (identificação primária)”³¹. O gêmeo seria para cada um o eu-ideal e substituiria a mãe ideal nas suas características de poder e unicidade. Podemos supor uma certa independência em relação às presenças/ausências da mãe, facilmente substituída pelo irmão gêmeo. O outro, do par gemelar, está lá, constantemente, interagindo um com o outro.

O nascimento duplo representa uma imposição da constituição definidora de limites e possibilidades assim como a realidade corporal, as deficiências físicas, ou os acontecimentos sociais concomitantes a nascimentos como guerras, perdas prematuras dos pais, acidentes e preconceitos. Podemos recorrer às Series Complementares de Freud³² – Conferências Introdutórias sobre Psicanálise: Conferência XXIII Os Caminhos da formação dos sintomas v. XVI p. 423 - para explicar a causalidade dos sintomas neuróticos onde encontramos: inicialmente os fatores constitucionais que somados aos cinco primeiros anos de vida determinariam uma disposição neurótica. A esta seriam ainda adicionados fatores atuais desencadeadores dos sintomas. A situação gemelar estaria no fator constitucional que de acordo com os cinco primeiros anos de

³⁰ ibid. p. 102

³¹ BRAIER, E.(org.) & outros “La estructura narcisista gemelar y la carência materna”. In:_____. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 162.

³² FREUD, S. (1895). “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise: Conferência XXIII Os Caminhos da formação dos sintomas”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 423.

vida, ou seja, a atitude dos pais em relação a eles teria como conseqüência uma disposição neurótica ou psicótica. Se a mãe vê nos dois um apenas, há uma tendência de que eles se identifiquem como par ou como gêmeo. Neste caso, a palavra “gêmeo” substituiria o nome próprio, e os dois poderiam permanecer nesta fusão identificatória, com evidente dificuldade na separação/individuação, na assunção de identidade singular, na possibilidade de uma fixação narcísica e aprisionamento no complexo fraterno.

Os partos duplos permanecem como minoria mesmo após o avanço da medicina em relação à reprodução assistida o que tem favorecido nascimentos duplos, triplos ou até mais. No entanto é evidente o aumento no número de pessoas envolvidas com as situações específicas da gemelaridade – cada vez mais pessoas se interrogam, procuram orientação e ajuda tanto na clínica, nas escolas e nas famílias sobre as formas ideais e não traumáticas de conduzir esta situação. Como este fenômeno é recente, em contrapartida o número de pesquisas e/ou publicações sobre gêmeos é restrito. Existe uma demanda reprimida por este tema e uma necessidade social de explorações teóricas nos diversos níveis: desde orientações pedagógicas e educacionais como também psicológicas.

Retomando o depoimento das gêmeas Aní e Iná lemos que *"Por mais que alguns gêmeos univitelinos se rejeitem, por muito que não aceitem essa condição, hão de a carregar para sempre e não poderão fugir ao enigma de terem se originado de um único óvulo, num mesmo momento, com o sexo obrigatoriamente idêntico, iguais os grupos sangüíneos, as proteínas, as enzimas, as características físicas, as tendências*

patológicas, por vezes vivenciando as mesmas emoções de uma "única mãe". (Bittencourt & Bittencourt: Gêmeos semelhança oculta. p. 31)³³.

Para Braier: Dead Ringers (Inseparables: pacto de amor) p.99 texto onde analisa os personagens do filme Gêmeos: mórbida semelhança salienta: “Inseparáveis leva a pensar na fixação ao objeto, à viscosidade libidinal e a relação simbiótica que impede tanto a separação como a conquista da própria identidade³⁴.” E na p. 100 completa: “Dois que são um. O pacto é: sempre unidos. E se um morre o outro morre também. Morrer juntos antes que viver separadamente³⁵.” Ser gêmeo é viver uma certeza exterior contra o desaparecimento de si que se opõe à estruturação do indivíduo.

Freud³⁶ no artigo "O Estranho" (1919 p. 293) cita o trabalho de Rank³⁷ sobre o duplo salientando sua penetração nas ligações que o "duplo" tem com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte... Para Freud "originalmente, o "duplo" era uma segurança contra a destruição do ego, uma enérgica negação do poder da morte, e, provavelmente, a alma imortal foi o primeiro duplo do corpo. Essa invenção do duplicar como defesa contra extinção tem sua contraparte na linguagem dos sonhos, que gosta de representar a castração pela duplicação ou multiplicação de um símbolo genital. O mesmo desejo levou os antigos egípcios a desenvolverem a arte de fazer imagens do morto em materiais duradouros. Tais idéias, no entanto, brotaram do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem

³³ BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. “Gêmeos Semelhança Oculta”. Uberaba: Vitória, 1999, p.31.

³⁴ BRAIER, E.(org.) & outros “Dead Ringers (Inseparables: Pacto de amor) ”. In: _____ et all. *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 99.

³⁵ *ibid*, p. 100.

³⁶ FREUD, S (1919). “O estranho”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 293.

³⁷ RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932.

primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o "duplo" inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte."

“A gêmealidade apresenta o seguinte paradoxo: o que é fisicamente duplo é estruturalmente único e o que é de forma sobrenatural um, é empiricamente dois.”- (Turner,³⁸ 1990 – p.50) Há uma dissincronia entre a realidade objetiva e a estrutural, entre a experiência dos sentidos e a comprovação biológica e fisiológica. Seres em duplicatas, em tudo idênticos que nos remetem a questões dos duplos, das sombras, dos espíritos, ao que Freud denominou “O estranho” (em outras traduções “sinistro”) e à idéia de alma.

I. 1 - OS GÊMEOS NOS MITOS E NA LITERATURA

Defrontar-se com gêmeos numa situação social qualquer não passa despercebido. Aqueles seres em duplicata, em tudo idênticos, atraem as atenções. A dificuldade discriminativa que vivemos frente a eles se opõe imediatamente, ao desejo e à pressão social pelo único e pela individualidade – noções defendidas e ressaltadas pela psicologia do indivíduo, pela importância da diferenciação.

O interesse que os gêmeos nos despertam está na razão direta das emoções que provocam. A possibilidade de experienciar o prazer que a situação gemelar atualiza, nas confusões de identidades, foi percebida e utilizada pelos autores, tanto nos textos

³⁸ TURNER, V. W. (1990). “Le phénomène rituel: Structure et contre-structure, Paris”, PUF (Ethnologies). In: BELMONT, N: *Quelques sources anthropologiques du problème de la gemellité, em Topique Revue Freudienne* 50, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex: Édition Dunod Revue, 1969, p. 50.

humorísticos quanto nos de suspense. Este “é o argumento de comédias que remontam a Plauto, este já um imitador dos gregos. Em *Menaechmi* (Os Mecenias), representada pela primeira vez em 206 a.C., o acaso reúne num mesmo lugar dois irmãos gêmeos idênticos, com o mesmo nome e que não se conhecem, o que dá motivo a uma série de confusões. A ação não sai da família, mas o gêmeo que chega a Epidamo usurpará, sem querer, a identidade de seu irmão, a ponto de ver-se este obrigado a defender-se para não ser considerado louco. Os dois irmãos envolvem-se numa afluente seqüência de ações e reações automáticas que só chega a um termo na cena de reconhecimento em que as testemunhas estarecidas defrontam-se com dois seres vivos idênticos, não mais sabendo qual é qual.”³⁹ (Nicole Fernandez Bravo: 1998, p 264)

Na “*Comedy of errors*” (Comédia dos erros, 1592-1593 citada por Bravo, 1998 p. 264) “Shakespeare duplica o número de gêmeos, acrescentando ao par de gêmeos padrões um par de gêmeos criados, o que multiplica as confusões e provoca um contraponto cômico à interrogação sobre a identidade, com os criados expressando ingenuamente essa sensação de perda da sua pessoa que lhes causou a série de confusões, resolvidas, afinal, na cena de reconhecimento geral”⁴⁰.

O sentimento vivido pode ser também de angústia como nas “comédias que tratam do duplo mágico (o duplo sobrenatural). O encontro com este é sempre fonte de angústia para quem é assim confrontado com o enigma da identidade e acaba por julgar-se maluco, mesmo quando o tema é usado para fins cômicos”⁴¹ (Bravo. 1998 p. 266).

Jean Paul retoma o mito platônico das duas metades complementares (almas irmãs, gêmeos) que reunidos formariam o “homem elevado” em *Titã* (1801 – 1803) nos

³⁹ BRAVO, N. F. (1) dez: “Duplo”. In: Brunel, P. *Dicionário de mitos literários*. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 264.

⁴⁰ *ibid.*

⁴¹ BRAVO, N. F. (1) dez: “Duplo”. In: Brunel, P. *Dicionário de mitos literários*. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 266.

seus personagens Siebenkäs também chamado Leibgeber. “Leibgeber vive obcecado pelo enigma da identidade. Como humorista (cisão entre um eu atuante e um eu espectador) ele observa seu corpo abismado com a idéia da separação e da reunião de um princípio finito (o corpo) com um infinito (a alma), e o sentimento é de tal estranheza que o leva à esquizofrenia. É perseguido pelo pesadelo de encontrar-se com um outro ele mesmo, visível: a dissolução da realidade objetiva no mundo subjetivo da consciência motiva a obsessão do desdobramento ... O terror que lhe inspiram os espelhos ilustra o fundamento filosófico de sua angústia – -sou sujeito que tem consciência e objeto de que tenho consciência⁴²” (Bravo, 1998 p. 270).

O nome do personagem: Leibgeber significa Leib=corpo e Geber=que dá. Um corpo que dá talvez sustentação ao espírito. Esta obra nos apresenta a preocupação do autor com a questão da identidade e, principalmente, com o duplo. Está próximo da idéia de Rank⁴³ quando este afirma que o duplo seria uma representação do espírito uma comprovação objetiva da divisão do homem em corpo/espírito, e que os gêmeos seriam aqueles que trouxeram consigo, ao nascer sua alma imortal; por isso estariam destinados a feitos heróicos. É importante salientar a angústia experimentada por Leibgeber onde reconhecemos a experiência do sinistro (estranho), sua questão fundamental com a identidade e seu reconhecimento da divisão do homem. Este autor introduz o “medo do espelho” e outros autores como Machado de Assis⁴⁴ ampliam a importância e o significado do reflexo espelhar para o ser humano.

⁴² BRAVO, N. F. (1) dez: “Duplo”. In: Brunel, P. *Dicionário de mitos literários*. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 270.

⁴³ RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932.

⁴⁴ ASSIS, M. “O espelho”. In: O medalhão São Paulo: Clube do Livro, 1965, p. 105.

Machado de Assis: O espelho (1839–1908) relata a discussão entre cinco amigos quando Jacobino, que até então se mantinha silencioso, resolve expor sua idéia de que o homem tem duas almas: “uma que olha de dentro para fora, outra de fora para dentro... A alma exterior pode ser um espírito, um homem, muitos homens, um objeto uma operação... as duas completam o homem que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades perde, naturalmente, metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.” Para comprovar sua teoria relata uma experiência pessoal quando aos vinte e cinco anos foi nomeado alferes da guarda nacional. A partir de então, de acordo com o prazer vivido por todos da família passa a ser reconhecido e tratado por “alferes”, até mesmo sua Tia Marcolina, que até então o chamava por Joãozinho agora era só “Senhor Alferes”. “O alferes eliminou o homem.” Estando na casa da tia recebeu o melhor quarto, o mais digno lugar à mesa e também um grande e velho espelho, que adornava a sala de visitas, foi transferido para o quarto onde dormia. Tendo ficado só nesta casa começou a viver uma estranha sensação: “era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico”⁴⁵.

Ele reparou que desde que ficara só não olhara mais no espelho. Em certo momento, resolveu vestir a farda e sentar-se à frente do espelho visualizando a imagem que este lhe refletia. Desta forma reconheceu-se retomando sua auto-imagem. A partir de então “não era mais um autômato, era um ente animado”, havia recuperado sua alma exterior, voltando a ser o alferes e, assim, podendo esperar pelo retorno de todos que o haviam deixado sozinho.

Machado de Assis⁴⁶ revela neste conto a importância do olhar do outro enquanto reconhecimento que identifica e unifica que dá consistência e unidade às experiências

⁴⁵ ibid.

⁴⁶ ibid.

sensoriais parciais e anárquicas, portanto diversas e difusas representando uma psique fragmentada que necessita do olhar do outro como reflexo espelhar para a noção síntese de um Eu, um ser inteiro, limitado e separado.

Esta cena do personagem frente ao espelho na situação específica de um cargo público e profissional onde percebo uma imagem do eu-ideal vista no espelho, bem como a sensação prazerosa de reconhecer-se nesta imagem ideal, se encaixa no conceito lacaniano do “Estádio do Espelho” (p. 54) até mesmo no ponto onde Lacan⁴⁷ aponta uma falha e uma antecipação. Naquele momento ele não está no ofício de alferes, – esta é a falha - a imagem é uma antecipação do vir-a-ser sempre presente nas situações ideais. O desejo de ser aquele profissional completo, idealizado que aparece no agora.

A criação literária se encontra com a teoria na utilização do Duplo enquanto reflexo espelhar (ver p. 54) enquanto espírito que se materializa na figura do gêmeo. Para compreender melhor toda simbologia deste mito encontramos no “Dicionário dos Mitos Literários” - verbete “Duplo” uma série de significados diferentes em decorrência do avanço do homem na compreensão do mundo ou nas teorias dominantes de cada época, assim “duplo” pode significar “eu – o outro – ele”, “eu – dois em um”, “eu – o mesmo”, a homonímia ou a semelhança, a proximidade estranha assinalada pelo “eu” que levanta a questão da identidade.”⁴⁸ (Bravo, 1998, p 261).

Em André Green: Narcisismo de vida e narcisismo de morte p. 28 e 29 encontramos “O narcisismo, mais do que qualquer outro ponto da teoria apresenta o perigo de confusão entre a descrição e o conceito. E isto porque ele é, se posso dizê-lo um conceito-espelho, um conceito que trata da unidade do Eu, da sua bela forma, do desejo do Um contradizendo por isto mesmo – chegando até a negá-los, talvez a

⁴⁷ LACAN, J (1949).“A agressividade em Psicanálise”.In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

⁴⁸ BRAVO, N. F. (1) dez: “Duplo”. In: BRUNEL, P. *Dicionário de mitos literários*. 2a.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 261-287, 1998, p. 261.

existência do inconsciente e a clivagem do Eu, o estatuto dividido do sujeito.”:⁴⁹ Esta fala do Green nos explica um dos significados do duplo apontado acima: duplo = eu - dois em um; ou seja o sujeito psicanalítico apresenta-se como dividido: uma parte consciente e outra inconsciente, um eu acessível ao pensamento aquele que da-se a ver e outro inconsciente, inacessível, aquele que se subtrai à visão. Só temos acesso a este – o inconsciente – pela consciência, através da decifração das metáforas, da análise do discurso consciente, da compreensão dos sintomas, dos sonhos, das parapraxias.

Continuando com Green encontramos: “O um não é portanto, um conceito simples. Se deve ser colocado em tensão, para que isto ocorra, não bastará formular seu antagonismo, o Outro e inclusive o Neutro, será necessário com o Um pensar não apenas o Duplo, mas, sobretudo, o Infinito do caos e o Zero do nada.

Talvez o Um nasça do Infinito e do Zero, na medida em que eles poderiam ser apenas Um. Mas é nas oscilações do Um ao Zero que devemos apreender a problemática intrínseca do narcisismo, sem nos deixarmos desanimar pelo fato de que se o Um se dá imediatamente por uma percepção fenomenológica, o Zero, por sua vez, nunca pode ser concebido quando se trata de si, assim como a morte é irrepresentável para o inconsciente.⁵⁰” Compreendo que para Green não podemos apreender o Um (neste caso significando Eu) sem levar em conta o outro (o inconsciente) e também o ele (síntese das projeções identificatórias do sujeito sobre o outro que retornam como reflexo espelhar no sujeito, constituindo-o)

Para Beceiro: Narcisismo e gemealidade, uma história e amor p. 173 “O sujeito oscilará entre o nada e o par que ele forma com seu duplo. O um é sempre reunião de dois e o desenvolvimento psíquico somente poderá se dar se se parte desse “Dois em

⁴⁹ GREEN, A. “Narcisismo de vida, narcisismo de morte”. São Paulo: Escuta, 1988, p. 28-29.

⁵⁰ *ibid.*

Um” das origens. Dois em um que somente mais tarde e pela intervenção do Três, conseguirá o reconhecimento da diferença.”⁵¹

Continuando ainda na mesma pagina Beceiro completa: “O conceito de um remete ao duplo. Ao inverso podemos dizer que o duplo está constituído por duas metades cada uma delas será por uma parte metade, incompletude que somente desaparecerá pela reunião com a outra, mas por sua vez cada metade será também unidade constituinte da unidade formada pela reunião de ambas as partes. A cisão fundante existirá mas tentará ser anulada mediante o desmentido... para isso se apela ao duplo onipotente e à ilusão de fusão com ele, como modo de evitar o naufrágio do sentimento de si.”⁵² “Em toda relação narcisista somente poderá conceber-se o outro seguindo o modelo do Um, e a verdadeira unidade pela unidade do par.”

A unidade egoica subentende inicialmente o dois em um originário já que o Eu só se dá a conhecer em oposição ao Não/Eu, em seguida colocando-se em perspectiva o terceiro concretiza-se a diferenciação e a continuidade do processo de desenvolvimento do Eu. A noção de identidade e alteridade enquanto oposições delimitadoras do Eu X Outro não são estanques e totalmente separadas, pelo contrário existe uma zona intermediária, reflexiva lançando partes de um e do outro sobre cada um.

Encontramos em (Keppler, C. F., 1972)⁵³ no seu estudo do duplo na literatura o inventário de sete modalidades diferentes de duplo: o perseguidor, o gêmeo, o(a) bem-amado(a), o tentador, a visão de horror, o salvador, o duplo no tempo...”. São todas as possibilidades de vivências com fortes acentos emocionais que o outro impõe ao Eu nas suas relações de paridade.

⁵¹ BECEIRO, A. M. V. “Narcisismo y gemelaridad, una historia de amor”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 173.

⁵² *ibid.*

⁵³ KEPPLER, C. F. (1972). “The literature of the second self, University of Arizona, Press Tucson”. In: BRUNEL, P. *Dicionário de Mitos Literários*. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988.

Edgar Allan Poe no conto *William Wilson* (1809 a 1849)⁵⁴ relata a experiência singular deste vivido ao encontrar na escola seu duplo, em tudo idêntico a ele mesmo, um verdadeiro sócia, ou mesmo seu gêmeo, diferenciável somente por sua voz sussurrante. Este duplo bizarro, que o imita em tudo se torna seu companheiro inseparável, mas também seu rival mais terrível. Sua ação no conto aparece como um contraponto. Sua simples presença destrói seus prazeres, pela sensação incomoda de estar frente a alguém que lhe conhece todos os segredos, frente ao qual se sente transparente, fragilizado pelo poder que ele teria de atacar ou tocar seus pontos mais sensíveis provocando emoções tão fortes quanto duradouras. Este medo é concretizado na cena de desmascaramento de suas trapaças no jogo. Finalmente o protagonista o desafia, numa festa, para um duelo. Para isso se dirigem a uma sala ao lado onde acontece a luta e a morte do “outro” Wilson. É com muita agonia que ele descobre pelo reflexo especular que matou a si mesmo.

Neste conto Poe⁵⁵ dá corpo sensível à instância psíquica que acompanha, avaliando em termos de certo/errado; pode/não pode todas as ações do sujeito. De acordo com sua rigidez e exigências esta consciência moral pode se tornar um perseguidor implacável do qual não se pode fugir. O sujeito se vê diante da impossibilidade do seu apagamento mesmo durante a noite, nos seus sonhos.

O personagem central da trama é caracterizado como rebelde e contador de bravatas que tenta lidar de uma forma menos angustiante com o seu superego. Inicialmente tenta a fuga e descobre que é impossível. Tenta conhecê-lo melhor e descobre também que é impossível. Por fim, ao matá-lo vê que matou a si mesmo.

Neste conto Poe utiliza o “duplo” enquanto consciência moral que em psicanálise se enquadra no conceito de superego: pertencendo à segunda tópica como

⁵⁴ POE, E. A. “William Wilson”. In: _____. *Poesia e Prosa*. Porto Alegre: Globo, 1960.

⁵⁵ *ibid.*

uma das três instâncias psíquicas – id, ego e superego – tem como funções a auto-observação, a consciência moral, a eleição de ideais e a repressão dos impulsos. Em outras palavras ele encarna uma lei e proíbe sua transgressão.

Conceito que se assenta sobre o sentimento de culpa e representa a fragilidade do Eu de se opor a ele, da pressão exercida pela vigilância contínua de suas ações, na luta inglória frente ao duplo para não ser sobrepujado, que finaliza pela tentativa inútil de fuga da consciência.

Na gemelaridade o outro do par por sua posição privilegiada de presença constante que acompanha e reflete é também fonte de angústia pela ameaça sempre presente de desvelamento do mais íntimo e escondido de cada um – a morte simbólica do uno quando se tem um outro que reflete e confunde.

Já Guy de Maupassant em *Bel Ami* (1870, p. 24)⁵⁶ relata a estranha sensação de ser surpreendido com a imagem elegante de uma pessoa à frente, vindo em sua direção, e, então descobrir que é um reflexo, no espelho, de si mesmo. Este momento no texto é paradigmático da mensagem do mesmo. Nele o autor apresenta-nos as situações duplas: aquele que escreve os artigos para o jornal não é o mesmo que os assina e tem assim seu nome divulgado. A verdadeira autora permanece no anonimato. O marido é exibido socialmente, mas quem recebe realmente o amor e a admiração da mulher é o amante: também no anonimato. É ele, o amante, o verdadeiro provedor da mulher, da casa e da família. O jogo duplo de uma verdade escondida atrás da mentira do “parece ser”.

O homem é um duplo que mostra e esconde. O dois abre a possibilidade do dois em um, da fusão que cola, mas que também pode esconder uma essência diferente: o que se mostra sem ser.

⁵⁶ MAUPASSANT, G.(1870). “*Bel Ami S.A*”. S.A. Madrid: Promoción y Ediciones, 1999, p. 24.

A situação gemelar se presta a este sentido. A dupla de gêmeos esconde a verdadeira identidade de cada um. Possibilita o anonimato no par, a tal ponto que um pode ser usado no lugar do outro. Ela também pode ser vivida como ilusão de completude de poder e de força. A distinção social, a atenção especial que recebem de todos atordoados pela mensagem de igualdade, pode favorecer a crença num “algo a mais” que prende e impede a separação Eu/Não Eu, a noção de identidade e alteridade, a entrada do terceiro no par que promove o corte estruturante edipiano.

“A literatura tem a vocação de pôr em cena o duplo, invalidando o princípio de identidade: o que é uno é também múltiplo, como o escritor sabe por experiência. A vontade de apagar o eu, de escapar ao eu-prisão pela viagem, de criar um eu-evasão por meio da imaginação é uma constante no universo de Julien Green, em que o duplo tem uma presença obsedante até em sua obra mais recente (*Le langage et son double* – 1985) que o mostra dividido entre duas pátrias lingüísticas, os EUA e a França.⁵⁷” (Bravo, 1988, p. 282).

A teoria psicanalítica apresenta o indivíduo em constante interação como outro-si-mesmo inconsciente impulsivo ou repressor cujas atuações resultariam numa ação nunca linear ou laminar, há sempre o que podemos nomear de profundo ou “felpudo” quer dizer a presença do “parece ser” ou “pode-ser”. O laminar não oferece outros significados é como se estivesse submetido à lei de um discurso que inviabiliza a metáfora e a metonímia.

⁵⁷ BRAVO, N. F. (1) dez: “Duplo”. In: Brunel, P. *Dicionário de mitos literários*. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1998, p. 282.

I. 2 - A QUESTÃO GEMELAR NOS ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS

Pelo analisado até o momento percebemos no social reações de interesse e aceitação ao par gemelar bem como experiência de estranheza que é fator de angústia, portanto rejeição. A experiência psicanalítica tem nos ensinado a abrir para o oposto toda a vez que houver um exagero no sentimento. Assim este interesse especial, este lugar social de destaque teria em seus fundamentos também uma rejeição. A antropologia pode nos ajudar neste impasse.

Os estudos antropológicos revelam que o nascimento gemelar pode provocar sentimentos de rejeição, pela estranheza da situação excepcional e pela possibilidade de escassez alimentar ou falta de lugar social, fator imprescindível para a aceitação de algo que não se encaixa na ordem social. “É largamente considerado, na África e em outros lugares, que as crianças nascidas numa única parição são, de modo sobrenatural idênticas, ora de acordo com as regras não escritas associadas aos sistemas de parentesco, só há para eles uma posição na estrutura familiar ou no grupo solidário de parentesco que eles podem ocupar.”... “Um certo número de sociedades africanas encontram uma saída a este paradoxo suprimindo as duas crianças, ou às vezes um só dos dois ao nascerem.”⁵⁸ (Nicole Belmonte, 1969, p. 186) “Parece, no entanto, que os gêmeos de sexo oposto são, geralmente, melhor recebidos nas sociedades africanas, do que os gêmeos do mesmo sexo, por se diferenciarem em menino e menina, eles não ocuparão exatamente a mesma posição no parentesco e na sociedade.”⁵⁹ (Belmonte, 1969, p.187).

A partir de seus estudos antropológicos Belmont (1992, p. 185) apresenta a idéia de que “a noção de gêmeos não se limita somente às crianças nascidas de um mesmo

⁵⁸ BELMONT, N. “Quelques sources anthropologiques du problème de la gémellité”. In: *Topique Revue Freudienne* 50, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Édition Dunod Revue, 1969, p. 186.

⁵⁹ *ibid.* p. 187.

parto. Esta extensão leva ao conceito de “falso” gêmeo ou gêmeo imaginário que parece mais seguro do que a realidade perigosa dos verdadeiros gêmeos”⁶⁰. Neste mesmo trabalho Belmont (p.196) revela a condição especial de ameaça decorrente do nascimento gemelar, entre os Bambara, onde “falsos gêmeos” são também os canhotos e os albinos, em outras palavras tudo que foge à normalidade. “O nascimento de gêmeos é freqüentemente considerado como o paradigma de nascimentos anormais.”⁶¹ (Belmont p.193) “Para explicar este nascimento desviante eles acreditam que ele é devido à ruptura de uma proibição por sua mãe, durante a gravidez, provocando assim a fusão dos gêmeos que carrega numa só criança.”⁶² Em Angola, numa população chamada Ndongo, (Belmont – 1992, p.194)⁶³ “existem dois tipos de “falsos” gêmeos. O primeiro compreende as três crianças que nascem sucessivamente depois dos gêmeos: eles são os “quase gêmeos” e recebem nomes fixos tradicionalmente.

Chamam-nos coletivamente “escravos de gêmeos”. Eles farão parte de uma sorte de corte espiritual, encarregada de assegurar e de animar os rituais próprios aos gêmeos, assim fazem parte da comunidade gemelar da vila. O outro tipo de “falso” gêmeo é designado como “gêmeo solitário”: reconhecem-no porque a placenta é presa uma bolha de sangue, uma espécie de gêmeo de placenta o único testemunho da presença de uma outra criança. Esta é um gênio que viaja sozinho, para retornar ao seu mundo de origem.”⁶⁴

⁶⁰ ibid. p. 185.

⁶¹ ibid. p. 196.

⁶² ibid. p. 193.

⁶³ ibid. p. 194.

⁶⁴ ibid.

“Outras circunstâncias fazem entrar uma criança que não nasceu gêmeo nesta categoria. Desta maneira entre os Dogon, se um gêmeo morre antes que se pudesse celebrar o ritual de um ano depois do nascimento, os pais o substituem com o seguinte durante a cerimônia retardada para este fim. E se os dois gêmeos morrem antes de completarem um ano, a criança seguinte será dita que veio para o seu lugar. Ele é como o resíduo dos gêmeos. Chamam-no “cinza de homem” (Denise Paulme, 1940 – p. 456-457)⁶⁵.

Nas sociedades primitivas há o predomínio da rejeição aos nascimentos gemelares pelo seu caráter de exceção, pela estranheza da sua ocorrência. Se também existe a experiência do estranho frente aos nascimentos gemelares nas sociedades contemporâneas há, por outro lado, uma aceitação interessada acrescida por um realce da igualdade no costume social de uso das mesmas roupas, adereços, comportamentos e atitudes bem como até mesma profissão entre os gêmeos. Esta atitude seria uma forma de rejeição? Fica claro que, por ela, os pares de gêmeos estão sempre a mostrar sua distinção e diferenciação em relação a todos os outros.

A situação gemelar enquanto empecilho ao ditame social da diferenciação individual, da imposição social que se torna desejo de unicidade: ser único reconhecido e separado de todos os outros; é fonte de angústia e desprazer aos pares de gêmeos. Os erros de identificação ocasionados pela dificuldade de todos de diferenciá-los corretamente são vividos pela dupla como desagradáveis, mas também invertem o significado afetivo quando separa a dupla de todos os outros. Em outras palavras o paradoxo da situação gemelar se revela na angústia pela não separação de um do outro e no prazer da distinção do par de gêmeos em relação todos os outros não/gêmeos.

⁶⁵ PAULME, D. “Organisation sociale chez les dogon, paris domat-montchrestien”. In: BELMONT, N. *Quelques sources anthropologiques du problème de la gemellité*, Topique Revue Freudienne 50, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex: Édition Dunod Revue, 1940, p. 456-457.

Reconheço na minha clínica uma situação similar ao “falso gêmeo” enfocado por Belmont, onde em decorrência da morte de uma das gêmeas outra criança, a seguinte, que não nasceu nesta categoria, recebeu o mesmo nome da anterior, morta prematuramente e estabeleceu com a sobrevivente um tipo de relacionamento fusional próprio da experiência gemelar. Este atendimento será discutido mais profundamente no capítulo onde falo do processo de subjetivação

CAPITULO II - SUBJETIVIDADE

Esta dissertação busca esclarecer as interferências possíveis do nascimento gemelar univitelino na experiência de si ou na vivência da própria identidade. Apesar da opinião de vários autores como por exemplo Arlette Bernos⁶⁶ - "A propos du fantasme de gémellité: le jumeau mort" : "a experiência analítica nos ensinou, há muito tempo, que não é necessário haver um gêmeo real para tê-lo fantasmaticamente."; ou ainda Belmont⁶⁷ - "Quelques sources anthropologiques du problème de la gémellité": "o tema da criança-placenta leva a pensar que todo nascimento é gemelar e que nós somos acompanhados ao nascer de um companheiro prometido à morte, ou se preferirmos a um outro tipo de vida, a do além-mítico ou do imaginário." ; como também Jean-Paul Valabrega⁶⁸ "Le motif du jumeau: identité-altérité" - "Os gêmeos, a gemealidade, o duplo fazem parte dos temas que encontramos de maneira quase universal tanto nos fantasmas individuais quanto nos mitos."

Brusset⁶⁹ "O vínculo fraterno e a psicanálise" nos diz que: "Ser irmãos ou irmãs é ter a mesma genealogia, a mesma herança no sentido amplo, a mesma família, os mesmos pais e pertencer à mesma geração com uma diferença de idade variável (nula na gemealidade real ou fantasmática) e, na metade dos casos pertencer ao mesmo sexo."

⁶⁶ BERNOS, A. "A propôs du fantasme de fantasme de gémellité: le jumeau mort". In : *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex: Édition Dunod Revue, 1969.

⁶⁷ BELMONT, N. "Quelques sources anththologiques du problème de la gémellité". In: *Topique Revue Freudienne* 50, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Édition Dunod Revue, 1969.

⁶⁸ VALABREGA, J. P. "Préface.Lê motif du jumeau: Identité-alterité". em *Topique Revue Freudienne* 50, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex: Edition Dunod Revue, 1969.

⁶⁹ BRUSSET, B. "El vínculo fraternos y el psicoanálisis". *Revista de Psicoanálisis*. n° 2. Buenos Aires: APA, XLIV, 1987.

Luis Kancyper⁷⁰ “Remorso e ressentimento no complexo fraterno” acrescenta: “O irmão é um semelhante demasiadamente semelhante” que nos faz estender a experiência gemelar (real ou fantasmática) a todos os irmãos, descaracterizando-a nas suas especificidades identificatórias bem como fundindo o real ao imaginário como um todo homogêneo.

Entendemos os nascimentos duplos como experiência única e diferenciada oportunizando àqueles que a vivem significados próprios. Esta convicção nasce de relatos clínicos bem como do estudo de conceitos teóricos desenvolvidos por outros autores como veremos a seguir:

Uma cliente ao relatar-me como ela e seu marido receberam a notícia da gestação dupla utilizou as seguintes palavras: a notícia lhes foi dada pela médica que fazia o ultra-som ao dizer: - São dois fetos, idênticos, mas um deles está muito pequeno, pode ser que não resista! Minha paciente disse-me que de alguma forma ela esperava esta notícia por que sua avó materna e sua tia-avó tiveram gêmeos, mas seu marido foi pego de surpresa e parece que viveu um momento de uma certa irrealidade: começou a andar de lá para cá e entre “perplexo e amedrontado” perguntou à médica se era um homem e uma mulher, apesar dela ter dito que eram idênticos. Quando saíram dali foram direto comprar tudo em dobro!

No conceito de subjetividade proposto por Mezan⁷¹ encontramos que a experiência de si é conformada ou se inscreve dentro de certos limites por determinações que estão além ou aquém do indivíduo. Existem fatores tanto biológicos, psicológicos, sociais ou culturais, que combinados “conformam um molde para as

⁷⁰ KANCYPER, L. “Complejo fraterno y complejo de Édipo”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000.

⁷¹ MEZAN, R. “Tempo de muda: Ensaio de Psicanálise”. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

experiências individuais”. A partir daí o externo só terá representação interna ao passar por este molde que lhe dará a formatação única, diferenciada, e caracterizadora de um determinado sujeito. Nestes fatores reconhecemos os fatos concomitantes ao nascimento ou o próprio nascimento em si. Podemos nos recordar da experiência única e determinante de nascer durante uma guerra, ou ainda num processo doloroso de luto familiar, ou nascer com um defeito físico, ou adquiri-lo logo após o nascimento (uma paralisia conseqüente de uma vacina inadequada) e, principalmente, pertencer a um par gemelar.

Vários autores mostram opiniões acordadas à que aqui expresso, por exemplo: Beceiro⁷²: *Narcisismo e gemealidade, uma história de amor*. p.174 encontramos: “Não posso encontrar descrição mais acertada sobre o dilema dos gêmeos: a existência real de uma metade que não é ilusão mas sim presença certa que acompanha e completa.” Em Beatriz Salzberg:⁷³ *Os espelhos viventes* – p.195 “uma imagem para dois corpos com uma só subjetividade.” Em McDougall:⁷⁴ *Théâtres du Je* – p. 27 “A gemealidade nela (Karen), me parecia, um traumatismo perturbante na aquisição da identidade subjetiva...” ao relatar a experiência de análise de uma artista/interprete de 21 anos, que tinha uma irmã gêmea, Kati, vivendo na época uma inibição no trabalho tão forte a ponto de quase paralisação total na sua profissão. De acordo com os autores acima citados existe uma especificidade da situação gemelar, aquilo que a torna diferente do habitual, que necessita ser esclarecida. Esta especificidade aparece, inicialmente, enquanto obstáculo à subjetivação e, esta, como ponto de partida para um estudo aprofundado dos gêmeos. Como se dá o processo de subjetivação no caso de gêmeos

⁷² BECEIRO, A. M. V. “Narcisismo y gemelaridad, una historia de amor”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 174.

⁷³ SALZBERG, B. “Los espejos vivientes”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p.195.

⁷⁴ MCDUGALL, J. “Théâtres du Je”. Paris: Éditions Gallimard, 1982, p.27.

univitelinos? Quais as possibilidades de manutenção da condição gemelar e, por outro lado, quais as oportunidades de diferenciação que ela apresenta?

II. 1 – IDENTIFICAÇÃO PRIMÁRIA

Pelos relatos familiares, durante o tempo em que minha irmã e eu nos fantasiávamos de gêmeas, ela era meu modelo identificatório.

No atendimento a uma criança de três anos percebi durante uma sessão a repetição incessante de frases como: “Tá bom assim?” “Tá certo assim?” “Tamos combinados, tudo bem?” numa tonalidade imperiosa e idêntica à maneira como a mãe fala. A todo instante ela repetia as frases como se estivesse treinando uma maneira nova de falar que reproduzia o modelo da mãe. Nesta mesma sessão ela me solicitou que desenhasse no quadro uma mulher. Quando lhe pergunto o nome que daríamos àquela mulher ela diz meu nome. Então eu falei: vou desenhar você aqui, junto de mim! Ao que ela retrucou rapidamente: Não, você fica junto com a mamãe e eu vou namorar o papai!

Refletindo sobre estas situações à luz do texto freudiano em que trata da origem do ideal do eu (Freud:⁷⁵ O Ego e o Id – 1923, vol. XIX, p. 45) encontramos: “por trás dele (ideal do eu) jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal”; identificação direta e imediata mais primitiva do que qualquer catexia de objeto. Esta, denominada incorporação, revela-se como vontade de incorporação – “vontade de se apropriar

⁷⁵ FREUD, S. (1923). “O Ego e o Id”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 45.

completamente da figura do pai ideal” –(Rey-Flaud⁷⁶ p.52). Da impossibilidade de uma totalidade incorporativa já que produziria uma réplica ou um clone do pai, produz-se uma identificação com um traço do pai que chamamos – ideal do eu -. Depois, num segundo momento, a partir do resto inassimilável do pai ideal se constitui o superego diabólico: “resto recaído no sujeito da operação de passagem do primeiro ideal imaginário ao ideal do eu.” (Rey-Flaud⁷⁷ p. 52) Os afetos resultantes destas operações identificatórias são reconhecidos como amor presente na relação do ideal do eu com o sujeito e ódio presente na relação do superego com o sujeito. O amor porque o ideal do eu é a introjeção daquilo que despertou no sujeito uma admiração um desejo de apropriação; e ódio porque representa o inassimilável o resto do pai ideal (figura totalmente imaginária onde o pai é qualificado como “extremamente viril”) impossível de ser assimilado, portanto perseguidor implacável. No “molde para as experiências individuais” proposto por Mezan⁷⁸ e citado na p. 18 desta dissertação encontramos também o ideal do eu e o superego.

A pequena cliente acima referida, que, na sessão, buscava re-encontrar na sua fala o tom e o som materno, evidentemente terá outros modelos, mas a identificação primária a mais antiga do que qualquer catexia objetal como fala Freud e que pertence aos primórdios do Eu, mais precisamente o ideal do Eu, esta se deu tendo a mãe como modelo, e, no meu caso: minha irmã Lalanda. Se, inicialmente identificar-me com minha irmã auxiliou-me no processo de superação da perda do lugar de “caçula” a que o nascimento de mais uma irmã me havia conduzido, também determinou uma forma particular de ser: o contrário dela. Assim fui desenvolvendo uma extroversão, uma busca de amigas e contatos sociais em detrimento do interior e da reflexão, uma

⁷⁶ REY-FLAUD, H. “Em torno de o mal-estar na cultura de Freud”. São Paulo: Escuta, 2002, 52.

⁷⁷ *ibid*

⁷⁸ MEZAN, R. “Interfaces da Psicanálise”. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

priorização dos relacionamentos em vez dos resultados nos estudos; isto até que pude mostrar-me como eu mesma, sem a referência constante à minha irmã.

No texto “Psicologia de grupo e a análise do ego”: 1921, v. XVIII, p. 133 Freud⁷⁹ nos fala que “a identificação é conhecida da psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” e na p. 135 completa dizendo que ela é a mais primitiva e mais original. “Comporta-se como um derivado da fase oral em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal.”⁸⁰ O objeto uma vez incorporado torna-se parte do eu e deixa de existir enquanto fora do eu. Do interior ele tenta atrair a atenção do eu apresentando-se como possível de ser amado por tudo que do outro foi assimilado. Amar a si mesmo como o objeto foi amado ou o contrário: odiar-se como o objeto foi odiado. O perigo apresenta-se na possibilidade de fechamento eu-e-eu-mesma e a proibição à entrada do terceiro. A incorporação oral do pai e a transformação do indivíduo total ou parcialmente no modelo do pai o que significa ingerir também seus valores, proibições e permissões, metas e objetivos de vida.

No texto de 1923: “O Ego e o Id”: v. XIX, p. 43 Freud⁸¹ escreve: “A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra.” Na nota de rodapé 3 busca confirmação do que diz no costume dos povos primitivos de comer os animais e inimigos acreditando que assim estarão incorporando seus atributos. O movimento feito pelo sujeito é de incorporação, mas o resultado é diferente. Na identificação ingerimos o que gostaríamos

⁷⁹ FREUD, S. (1921). “Psicanálise e Telepatia”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 133.

⁸⁰ *ibid.* p. 135.

⁸¹ FREUD, S. (1923). “O Ego e o Id”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 43.

de ser e na catexia o que gostaríamos de ter, tanto a pessoa amada quanto a odiada, neste último caso a identificação é parcial e limitada.

Segundo Sourzat⁸² (*Le motif du jumeau – Topique* /51 p. 43) a situação gemelar leva a um “fracasso à introjeção do duplo maternal suplantado pela presença do duplo gemelar”. A figura materna pode ser substituída pelo irmão, e este e não aquela forma com ele o todo completo onde nada falta. Se o gêmeo seria aquele que traz consigo, ao nascer, o seu duplo imortal como nos diz Rank⁸³ (1932 – p. 95) a primeira crença numa alma imortal habitando o indivíduo ou renascimento eterno, cria um princípio independente da mãe ou do nascimento carnal ao qual denominou “princípio auto-criador”; e ainda na p. 102 Rank (1932) ao explicar o sentimento de serem sós contra o mundo inteiro expressado pelos gêmeos eles “provam que na realidade eles não têm família, eles são reduzidos a eles mesmos e é disto que vem sua força”.⁸⁴

Braier⁸⁵ (2000 p. 162) ao comentar sobre o deslocamento da mãe fálica ao irmão - objeto de contigüidade – fala-nos que: “até aqui o gêmeo seria para cada irmão o próprio eu (eu ideal) e substituiria a mãe ideal da díade pré-edípica e, portanto, provida de falo com a qual um e outro desejam fusionar-se (identificação primária)”. O gêmeo seria para cada um o eu-ideal e substituiria a mãe ideal nas suas características de poder e unicidade. Mais uma vez o desfecho ameaçador para uma identidade única e singular estaria na fixação ao narcisismo primário, à experiência fusional e viscosa que impede o diferente

⁸² SOURZAT, M.C., “Les motif du jumeau”. *Topique Revue Freudienne*, 51, Les jumeaux et le double. França: Édition Dunod Revue, 1993, p. 43.

⁸³ RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932, p. 95.

⁸⁴ *ibid.* p. 102.

⁸⁵ BRAIER, E. (“La estructura narcisista gemelar y la carência materna”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 162.

II.2 – ESTÁDIO DO ESPELHO

Lacan⁸⁶ dá uma maior clareza a este tempo das identificações primárias com a conceitualização do “Estádio do Espelho” onde compreende “o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem.” (Lacan: O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In *Escritos* p. 97)

Mais adiante, no mesmo texto agora na p. 100 Lacan⁸⁷ conceitua o estágio do espelho: “é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.” A assunção jubilatória de sua imagem especular manifesta a matriz simbólica em que o eu se precipita numa forma primordial que mais deveria ser designada por eu-ideal no sentido em que ela será a origem das identificações secundárias.

Lacan nos revela um processo que, partindo de uma insuficiência chegaria a uma antecipação. No extremo da insuficiência estaria o bebê e suas limitações: experiência do corpo despedaçado, descoordenação motora; no extremo da antecipação a imagem do outro completo e coordenado; no júbilo o reconhecimento de uma possibilidade, de um ideal a ser conquistado e, ao mesmo tempo a alienação identificatória numa imagem que não reflete a realidade do sujeito. Este processo conteria em si mesmo etapas e

⁸⁶ LACAN, J (1949). “A agressividade em Psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 97.

⁸⁷ *ibid.* p. 100.

abriria questões relativas às conseqüências de apresentarem-se ao bebê modelos mais próximos de sua incompletude como os irmãos, a partir do primogênito chegando até mesmo ao gêmeo. Para Lacan quanto mais próximo ao bebê maior a facilidade identificatória, desde uma diferença de dois anos e meio até o zero onde encaixaria a experiência gemelar. Assim haveria uma maior possibilidade entre os gêmeos de fechamento na dupla e no narcisismo primário como veremos a seguir no capítulo IV.

Se observarmos o encontro de crianças entre seis meses e dois anos sem a presença de terceiros, veremos pelas suas reações específicas e alternadas, que existe uma comunicação e uma “rivalidade objetivamente definível,” (p.31)⁸⁸ o que ele traduz como... “o reconhecimento de um rival, ou seja, de um “outro” como objeto.” No entanto ele enfatiza que este reconhecimento do outro como objeto pertence ao campo do imaginário e não representa uma nítida distinção entre sujeito e objeto. Este fenômeno necessita de uma condição de “similitude entre os sujeitos.” (p.33)⁸⁹ e representa uma “confusão, neste objeto, de duas relações afetivas, amor e identificação, cuja oposição será fundamental nos estágios ulteriores.

Estas reflexões me remetem a um atendimento clínico no qual encontrei um exemplo de adesão viscosa como forma relacional, causada pelos fatores singulares e acidentais do nascimento e primeiros anos de vida que somados produziram uma característica imaginária do vínculo – uma permanência na incorporação imaginária do pai ideal e suas conseqüências. Esta característica imaginária provocava além da perda da condição de “como se fosse” ainda a impossibilidade da identificação pelo significante (identificação através de um traço do identificado). Trata-se do atendimento clínico a uma gêmea que ao perder seu par, morto prematuramente, recupera-o na sua próxima irmã:

⁸⁸ LACAN, J. “Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia”. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 31.

⁸⁹ *ibid.* p. 33.

Nascida de um parto duplo – terceira na ordem dos nascimentos – foi destinada à morte, pela parteira experiente, frente a sua gêmea Francis, reconhecida como a mais forte, a maior e a mais bonita; entretanto, apesar dos descuidos maternos (sic), sobreviveu à outra depois de nove meses do nascimento. Como causa da morte refere-se à má higiene materna e à escassa preocupação com uma alimentação adequada para os filhos.

Numa diferença de dois anos em relação ao nascimento gemelar, em outro parto, agora simples, nasce uma criança do sexo feminino e recebe o nome de Francis. Assim em 27/10/55 Francis “re-nasce” para a família e para sua irmã “gêmea”. Com ela Consuelo desenvolve uma relação de submissão, sendo sua verdadeira “sombra”. Nunca conseguiu tomar uma decisão sem sua opinião, sua orientação. Vive com a Francis, um sentimento diferente, do que aquele vivido com suas outras irmãs e irmãos. Está sempre presente, em tudo que ela precisa, ao mesmo tempo em que busca seus conselhos, sua aprovação ou desaprovação para tudo.

Na vida de Consuelo a Francis ocupa o lugar de uma “falsa gêmea” não apenas pela herança do nome da outra, mas, principalmente pelo tipo de relacionamento que se estabeleceu entre elas. Primeiramente por ela se identificar como “sombra” da outra, depois pela presença marcante tanto de uma quanto da outra nas suas vidas, e, finalmente pela qualidade e força do vínculo afetivo que as une. Vale lembrar que esta irmã –Francis – reconhecida como muito inteligente, dedicada e estudiosa, um verdadeiro “pé-de-boi” tentou, sem sucesso, prestar vestibular em várias faculdades por seis vezes. Estando cursando Comunicação e Relações Públicas pensa em interromper, e, gostaria de ter a mesma formação da irmã. Também tem dificuldades no relacionamento afetivo com seu atual companheiro e está sempre solicitando a interferência da irmã nos problemas do casal. A Francis está para Consuelo como

membro de uma “corte”: aquele sempre presente participando dos fatos em curso, em especial nas ocasiões carregadas de ameaças e/ou prazeres. Ao se referir à sua “falsa gêmea” ela revela experimentar um sentimento diferente daquele que vive com todas as outras irmãs. Ela é especial. O carinho e a preocupação entre elas as diferenciam. Pelas suas palavras percebemos a existência de uma consciência de si que se baseia em seu traço menor na sensação de diferente de todos os outros irmãos e no maior de ser até mesmo uma mentira. Suas próprias palavras numa sessão foram: “Minha vida é uma mentira!” “A única vez que fui totalmente verdadeira com alguém o relacionamento não se manteve. Concluí que não vale a pena falar a verdade.” Assim Consuelo relata um outro episódio pleno de significado pessoal: foi registrada somente um ano depois do seu nascimento, e, teve também a data alterada. Nasceu em 17/07/53 e registrada como se tivesse nascido em 06/10/54. A data alterada não é coincidente com o registro correto feito pelo pai para a Francis: 27/10/55. No entanto, elas ficaram como nascidas no mesmo mês.

Pelo que sabe foi a única filha que teve sua data de nascimento modificada pelo pai no registro. Para ela o que motivou esta atitude paterna foi a rejeição. Uma rejeição re-significada pelos seis anos que viveu com os avós. Somente aos seis anos percebeu um interesse paterno sobre si. “Agora que meu pai está começando a gostar de mim, eu tenho que ir morar com ele.” Assim recusou o convite do avô para continuar com eles.

Na história particular desta paciente reconhecemos, até agora, fatos especialmente diferentes com previsíveis conseqüências aos participantes. Em primeiro lugar o nascimento duplo e a morte de uma delas. Uma morte e um renascimento; alguém morreu e foi enterrado, depois disso ressuscita, re-encarna num novo nascimento cria um fantasma/gemelar: ela morreu e eu sobrevivi a ela, e, somente quando ela ressuscitou reconstituindo então a dupla gemelar fomos reconhecidas

oficialmente e eu pude finalmente entrar na família. Este fazer renascer o par de gêmeos que possibilitou a entrada oficial na família representa para Consuelo uma ferida narcísica e uma fantasia paranoide: Por que não fui aceita por mim mesma? Por que esperar pela Francis para entrar na família? Esta necessidade do outro para o processo de aceitação familiar resultou na busca de fusão, na incorporação do outro enquanto ideal imaginário, (extrema virilidade) na personalidade paranoide. Esta irmã idealizada é re-encontrada, ao longo da vida, nas amizades que estabelece.

Consuelo revela que seu relacionamento com a Francis sempre se caracterizou pela condição de sombra: eu e ela somos “sombras” uma da outra. De acordo com o que vimos sobre o significado simbólico de sombra, tanto na obra de Rank⁹⁰ quanto na literatura ela representa a morte, o duplo destinado à imortalidade uma vez que o mundo das sombras é o mundo dos mortos e, também o morto por ser sombra não pode projetar sombra. Se a Francis foi condição de vida também representa a morte. O re-nascimento de Francis para a família, acrescido à alteração da data de nascimento de Consuelo - diminuição de um ano e mudança no mês - provocou uma maior proximidade e igualdade entre elas. Um mesmo mês para sempre celebrado nas comemorações de aniversário.⁹¹

Nessa proximidade, podemos re-encontrar a noção de “falso gêmeo” ou o fantasma do gêmeo/morto. Este fantasma impede a elaboração do luto que toda morte necessita, pela abertura ao campo imaginário. Como objeto imaginário está livre do confronto com a realidade e assume características próprias. De acordo com Salzberg⁹²

⁹⁰ RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932.

⁹¹ Ver também a identificação do “Homem dos Lobos” com Cristo a partir da coincidência verificada entre a data de seu nascimento: 24 de dezembro e a data da comemoração cristã para o nascimento do redentor.

⁹² SALZBERG, B. “Los espejos vivientes”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 198.

(p. 198) “os gêmeos são sempre quase idênticos, pois sobra um resto invisível que permitirá a abertura ao simbólico e à subjetividade. Assim nos encontramos:

- . gêmeos univitelinos *quase* idênticos reais,
- . gêmeos imaginários idênticos sem laço de sangue, sem *quase* para a diferença”

Com o predomínio do imaginário há o aprisionamento dos gêmeos na igualdade, na condição de idênticos, na negação da alteridade, da falta e do desejo; na experiência narcísica do Dois em Um que completa e fecha a oportunidade da entrada do terceiro instaurador da diferença, da falta e do desejo.

O conceito de Wilfred Ruprecht Bion⁹³ “O gêmeo imaginário” fala de uma tentativa por parte do sujeito, de negar uma realidade diferente de si mesmo indicadora de uma incapacidade de tolerar um objeto que não esteja sob o completo controle do Eu. Imaginariamente o outro se comporta de acordo com os ditames do Eu, sem trazer desafios à relação, sem desequilíbrios desadaptativos e, portanto, sem favorecimento à continuidade do processo de amadurecimento e independência. Por este conceito Bion descreve a defesa utilizada por um sujeito quando é confrontado com o outro e tudo aquilo que ele traz de inquietante: a diferença, a desadaptação momentânea e a necessidade de reorganização. Poderíamos dizer que o outro só é admitido no espaço do Eu como resultado de projeções maciças do sujeito sobre o objeto.

Percebo no atendimento que estamos discutindo uma semelhança e uma diferença em relação ao conceito de Gêmeo Imaginário proposto por Bion⁹⁴. Semelhança pelo predomínio do imaginário e diferença em função da existência real de alguém que sustenta a fantasia e se afasta da ilusão, no caso a irmã Francis.

⁹³ BION, W.R. “Estudos Psicanalíticos”.(SECOND THOUGHTS). Rio de Janeiro: Imago.1994, p. 29.

⁹⁴ *ibid.*

Minha forma de pensar se baseia na recordação de um atendimento realizado com um menino de 10 anos onde entre outras queixas maternas havia esta de que ele mantinha um amigo imaginário com quem brincava e conversava horas em seguida. Durante suas sessões ele às vezes, me falava sobre o “Mateus” e eu pude perceber como lhe era difícil identificá-lo dando-lhe características definidoras, como era plástica a imagem que o representava no mundo interno do meu pequeno cliente. De acordo com a brincadeira do momento a idade, a aparência as preferências e modo de ser do Mateus mudavam. O que me fez concluir que o Mateus podia ser qualquer um e até mesmo não ser. O gêmeo imaginário, por esta mesma característica de pertencer ao campo do idêntico a si mesmo, sem quase para a diferença, sem a referência a um significante (como se fosse) pode até mesmo não se referir a uma pessoa qualquer, a uma imagem percebida. Assim encontramos o gêmeo imaginário, cuja representação é plástica e indefinida podendo ser qualquer um ou ninguém e o gêmeo imaginário que tem uma representação no real como a Francis para Consuelo. Para esta situação da Consuelo e Francis prefiro falar de fantasma.

A qualidade fantasmática favorece a negação dos lutos e perdas, impede a simbolização da falta ou castração, dificulta a abertura ao simbólico e à subjetividade. Neste ponto percebo uma aproximação ao conceito de “alma gêmea de Bernardo Tanis”⁹⁵ e Radmila Zygouris⁹⁶ uma vez que pertence e permanece no mundo interior protegido das confrontações externas:

⁹⁵ TANIS, B. “Circuitos da solidão - entre a clínica e a cultura”. 2a. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2004.

⁹⁶ ZYGOURIS, R. “Ah! As belas lições! ”. São Paulo: Escuta, 1995.

Tanis: Circuitos da Solidão p.136⁹⁷ ao relacionar solidão e narcisismo entra na questão do duplo onde nos diz que: “Sobre o gêmeo imaginário ou real podemos dizer que sua função é quase uma antítese do duplo. Se este último ameaça, persegue, busca substituir o sujeito pelo seu aniquilamento, a alma gêmea é uma espécie de anjo da guarda protetor. Trata-se de encontrar no mundo um outro de si que possa lhe compreender em um mundo sem palavras, uma espécie de segunda placenta.”

Nesta parte do texto de Tanis há uma indiferenciação entre o real e o imaginário bem como uma visão do duplo em um só dos seus aspectos: anunciador da morte. Pelo aqui pesquisado existe uma diferença entre o gêmeo real e o imaginado. Aquele representa um paradoxo sendo ao mesmo tempo fonte de prazer gozoso quando encarna a sintonia a harmonia, a compreensão mútua, às vezes mesmo sem palavras, e também o perseguidor implacável ameaça de indistinção e aniquilação do Eu. E o duplo se inicialmente representa a imortalidade almejada pelo humano se torna também estranho anunciador da morte.

Zygouris:⁹⁸ em A alma gêmea e o duplo domesticado (p.150) propõe uma diferenciação entre a “experiência diabólica” que o encontro com o duplo presentifica quando se perde a opacidade do mundo interior e o encontro com a “alma gêmea: um duplo interior que se reconforta e se representa no campo do amor, lá onde o duplo exterior é sinônimo de horror e solidão. Parece-me que de acordo com este ponto de vista há uma distinção nítida entre interior e exterior entre real e imaginário. A situação gemelar estaria entre o real e o imaginário, sendo a ilusão do duplo que não encontra desmentido no real. Os gêmeos estudados encarnaram entre si tanto a “alma gêmea” quanto a oportunidade de vivenciar uma “experiência diabólica”.

⁹⁷ TANIS, B. “Circuitos da solidão - entre a clínica e a cultura”. 2a. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2004, p. 136.

⁹⁸ ZYGOURIS, R. “Ah! As belas lições! ”. São Paulo: Escuta, 1995, p.150.

Vivenciaram o amor incondicional e o ódio mortal, sendo ilusão de fusão primordial que abole as necessidades e o desejo ao mesmo tempo que ameaça a integridade individual, a perda do mundo interior que dá oportunidade ao parece ser como diferente do ser. O paradoxal desejo/terror de ter identidade separada, pensamentos e emoções pessoais.

O problema central da gemealidade consiste na possibilidade da indiferenciação, no obstáculo à separação/individuação, na questão da identidade/alteridade, bem como nas defesas utilizadas para a adaptação dos pares frente às questões levantadas.

A contribuição de Zygouris⁹⁹ pode ser analisada como desejo de harmonia conseguido pela fantasia do encontro com a “alma gêmea”. Pelo sentimento prazeroso parece ser uma experiência com o ideal do eu – “o ideal do eu é o ponto virtual de onde o homem se olha com amor” Rey-Flaud¹⁰⁰ p. 52. Esta seria o complemento harmonioso, mesmo que diferente com aquele que me compreende e me aceita sem mesmo necessitar de palavras. Pode-se comparar com a harmonia de um acorde onde notas diferentes se harmonizam e completam, ou até mesmo no encontro de duas vozes que em tonalidades diferentes apresentam um resultado agradável que completando não mata nem apaga os dois tons. Já o duplo diabólico se aproximaria da experiência de ódio do superego – “o superego é o lugar “real” de onde se olha com ódio: o olho fixado a perseguir Caím no túmulo” Rey-Flaud¹⁰¹ p. 53

Se o crescimento está em relação direta com a assunção da castração, bem como na ruptura com os duplos imaginários a experiência vivida por Consuelo manteve-a na situação de submissão e nas identificações narcísicas. Ser a sombra da outra ou seu reflexo espelhar sem a separação individualidade/alteridade e, portanto sem desejo,

⁹⁹ ZYGOURIS, R. “Ah! As belas lições! ”. São Paulo: Escuta, 1995.

¹⁰⁰ REY-FLAUD, H. “Em torno de o mal-estar na cultura de Freud”. São Paulo: Escuta, 2002, p. 52.

¹⁰¹ibid. p. 53.

parece a única forma de existência possível. Em suas sessões ela fala da ausência de um amor paterno, a falta do olhar do pai sobre ela, comprovado no registro tardio.

Citando ainda Salzberg¹⁰² (p. 199) “A ausência de braços, de aporte libidinal e de desejo convoca a pulsão de morte. O desejo de filhos humaniza o sujeito. O olhar tanático cria objetos adestrados, não sujeitos, possuídos pelo superego e convertidos em objetos de gozo do Outro.”

Reconhecemos na vida de Consuelo uma petrificação diante do olhar tanático de seus pais. Sua vida transcorreu num mundo desvitalizante, mortífero e de recusa. Ela faz alusão a uma desatenção materna, de uma despreocupação com os cuidados higiênicos e alimentares próprios da maternidade, e de uma proximidade fusional com sua irmã Francis. Parece que a gêmea re-nascida serve de refúgio narcísico, serve de complemento materno do estágio narcísico.

Consuelo demonstra nas suas atitudes o medo de ser outro, pois assim ela perderia a identidade fusional, a referência de si, mesmo que fusionada. Elas vivem uma união de complementaridade amorosa e também de raiva. Se observarmos uma espécie de fascinação especular também está presente o ódio ressentido por não poder assumir-se na sua individualidade na sua unicidade diferenciadora. Durante o período de análise teve muita dificuldade de trazer conteúdos deste ódio significativo. Um ódio que, no entanto, na sua vertente positiva, produz separação e individuação. Um outro aspecto obstrutor da individuação é o sentimento da rejeição paterna: se o terceiro não penetra na díade, neste caso Consuelo/Francis, não se instala a diferença nem a separação individualidade/alteridade.

¹⁰² SALZBERG, B. “Los espejos vivientes”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 199.

A demanda de análise de Consuelo nasce de uma dificuldade reconhecida na sua vida amorosa, uma dificuldade decisória tanto afetiva quanto profissional com claras conseqüências tanto em uma quanto na outra. O tom afetivo de sua fala é a insegurança e seu olhar é desviante: foge do contato do “olho no olho”. Apresenta-se bem vestida, bem cuidada, com clara manifestação de preocupação e cuidados com sua aparência. Quando relata sobre sua adolescência ou o início da vida adulta revela saber do interesse que os homens sentiam por ela explicando que sempre teve um corpo atrativo aos olhares masculinos. No entanto não conseguiu manter nenhuma das inúmeras aproximações e buscas masculinas para si mesma.

Freud:¹⁰³ Sobre o Narcisismo uma introdução p.105 e 106 reconhece que “o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo em busca do amor objetal.” E ainda: “As mulheres, especialmente se forem belas ao crescerem, desenvolvem certo auto-contentamento que as recompensa pelas restrições sociais que lhe são impostas em sua escolha objetal. Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, comparável à do amor do homem por elas.”

Na vida de Consuelo os homens se sentiam atraídos, procuravam sua companhia, desejavam sua atenção, mas ela se manteve indecisa e inacessível. No trabalho, mesmo estando na chefia não se considera líder competente e forte a ponto de brigar e enfrentar as rivalidades institucionais para limitar positivamente seu setor. Sente-se insegura, sem seu fantasma-gemelar que favorecesse a ilusão de fusão e conseqüente sentimento onipotente de completude. A solidão a ameaça. Arrepende-se por não ter ainda seu parceiro e sonha adotar uma criança que possa servir-lhe de proteção na debilitante experiência futura da velhice.

¹⁰³ FREUD, S.(1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 105-106.

Consuelo relata, nas sessões, uma amizade de 20 anos mantida desde a adolescência, passando por todo o tempo da formação e começo da vida profissional. Durante este relacionamento fez da outra seu escudo protetor, ao lado do qual podia ficar na sombra. Apresenta esta amiga como uma mulher inteligente e esforçada, primeiro lugar nos estudos mesmo no vestibular e de quem “colava” sempre. Sua primeira sócia na profissão e de quem sentia e sente muita inveja. “Ela sempre se sobressaía, sempre conseguia as melhores colocações e eu ficava por perto (amparada pela sua força). Até mesmo no seu casamento eu me sentia presente. Quando se casou convidou-me para mudar de cidade com ela e seu marido e iniciarmos um negócio juntas.” Começaram a sociedade na empresa que após alguns anos de funcionamento foi dissolvida. Tem um sentimento de ter sido traída e prejudicada tanto no tempo do funcionamento da sociedade quanto no seu desfecho. “Pensando melhor nesta amizade, agora que se acabou, percebo que foi um “uso” mútuo: usávamos uma a outra”.

Esta amiga repete, para ela, o par gêmeo perdido. Estabelece com ela uma fusão como forma de relacionamento e espera o abandono e a traição. Braier¹⁰⁴ (2000 p. 162) ao comentar sobre o deslocamento da mãe fálica ao irmão - objeto de contigüidade – nos fala que: “até aqui o gêmeo seria para cada irmão o próprio eu (eu ideal) e substituiria a mãe ideal da díade pré-edípica e, portanto, provida de falo com a qual um e outro desejam fusionar-se (identificação primária)”. O gêmeo seria para cada um o eu-ideal e substituiria a mãe ideal nas suas características de poder e unicidade.

Ainda de acordo com Braier¹⁰⁵ “cada um dos gêmeos tomará o outro como duplo onipotente protetor e a sua vez se oferecerá como tal (ao outro) para permitir-lhe desmentir o sentimento de aniquilação ante a ferida narcísica que ameaça ao eu. Este

¹⁰⁴ BRAIER, E. (“La estructura narcisista gemelar y la carência materna”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 162.

¹⁰⁵ *ibid.*

duplo protetor “outorga ao ser” através da ilusão de fusão (identificação primária defensiva), enquanto que o duplo onipotente hostil “subtrai ao ser”.

II.3 – ESTRUTURAÇÃO SUPEREGOICA

No relato das gêmeas Ani e Ina¹⁰⁶ há o seguinte depoimento: *Por sermos idênticas, fatos curiosos nos ocorriam todos os dias. Como entre nós houvesse obviamente diferenças – uma era mais estudiosa, a outra melhor nas aulas de Educação Física. – resolvemos fazer um trato. Uma passaria pela outra, quando esta precisasse de notas altas ou quando a outra tivesse necessidade de mostrar melhor desempenho nos esportes. Não era muito honesto, mas revelava a malícia peculiar aos adolescentes: nenhuma de nós foi reprovada, nem no primeiro nem no segundo graus. Poder-se-ia dizer que cada uma de nós valia por duas. P. 105.*

Sempre que precisávamos de dinheiro, nós o tomávamos emprestado ao banco, com uma avalizando a outra. Certa feita, minha irmã ia se ausentar da cidade. Pedi-lhe que me deixasse ao papei de empréstimos avalizados. Assim ela fez, afirmando que tudo estava correto: era só eu pegar o dinheiro na segunda-feira.

Assim que o banco abriu, fui até a gerência, onde me atendeu um substituto do gerente, que me disse:

- O Gerente teve de ir resolver um problema. Os papeis estão trancados na gaveta dele. Não vai haver nenhum empecilho. Só peço que a senhora chame sua irmã, para que a operação seja feita. Só vai demorar alguns minutos.

Pensei: E agora?

¹⁰⁶ BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. “Gêmeos, semelhança oculta”. Uberaba: Vitória, 1999, p.105.

Ao sair do banco tive uma idéia. Fui para casa e lá me “travesti” de minha irmã. De volta à gerência no banco, fui recebida de imediato pelo homem que estava substituindo o gerente. Ele pegou os papeis e eu os abonei. Quando terminei com as assinaturas, o rapaz me disse, sorrindo:

- Engraçado!... Vocês são gêmeas, mas são tão diferentes! p. 128.¹⁰⁷

Estas situações de troca de identidade tão comuns entre gêmeos univitelinos revelam ser mais do que uma simples brincadeira sem conseqüências. Como vimos anteriormente os gêmeos se constituem como eu ideal substituindo a mãe-ideal nas suas características de poder e unicidade, com os quais desejam fusionar-se através da identificação primária. Esta é a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Por ela busca-se a incorporação oral do outro se transformando total ou parcialmente no outro. A presença constante de um para o outro diferentemente da mãe que se ausenta e retorna favorece esta substituição. Nas ausências maternas é ao outro do par que se dirigem nos momentos de necessidade.

A origem do supereu (instância psíquica responsável pela auto-observação, auto-avaliação e controle) está no processo de introjeção. Este acontece diante do fracasso da incorporação real do pai que dá lugar, agora, a um processo simbólico a introjeção. “O supereu é produto do sentimento de culpa: é a parte do pai que não pode ser incorporada e que vai retornar. É, de fato, o fracasso da incorporação real que vai suscitar uma outra operação simbólica, desta vez, a introjeção, dando origem ao supereu.” Henri Rey-Flaud.¹⁰⁸ “Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura” p. 52

¹⁰⁷ BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. “Gêmeos, semelhança oculta”. Uberaba: Vitória, 1999, p. 128

¹⁰⁸ REY-FLAUD, H. “Em torno de o mal-estar na cultura de Freud”. São Paulo: Escuta, 2002, p. 52.

Em “O ego e o id” 1923, v. XIX, p. 45 Freud¹⁰⁹ explica a origem do ideal do eu: “por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal.” Identificação direta e imediata, mais primitiva do que qualquer catexia de objeto.

“A criança não pode incorporar completamente a imagem paterna, senão ela seria o pai e se aboliria como sujeito. É, dessa forma, o ponto de sustentação da incorporação que vai engrenar um segundo modo de identificação pelo significante, quando a criança introjeta “um traço” do pai, fundando a instância simbólica, distinta do ideal imaginário primitivo, que Freud chama de ideal do eu.” Rey-Flaud,¹¹⁰.: “Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura” p. 52.

Observamos aqui a utilização de três conceitos: eu-ideal, ideal do eu e supereu. O primeiro é utilizado por Freud¹¹¹ quando explica a identificação primária e o processo de incorporação oral; o segundo é utilizado para esclarecer a introjeção que se diferencia da incorporação por ser um processo simbólico onde a identificação se dá de acordo com “um traço” do pai; o terceiro é utilizado para se referir ao resultado da introjeção acrescida do sentimento de culpa.

¹⁰⁹ FREUD, S. (1923). “O Ego e o Id”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

¹¹⁰ REY-FLAUD, H. “Em torno de o mal-estar na cultura de Freud”. São Paulo: Escuta, 2002, p. 52.

¹¹¹ FREUD, S. (1923). “O Ego e o Id”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

No texto *Dead Ringers (Inseparables; pacto de amor)* p. 149 Braier¹¹² levanta a questão de uma fixação na fase do Narcisismo Primário ao comentar sobre “Manifestações patológicas da estrutura narcísica sobre a edípica que implicaria a identificação/fusão, eu ideal sobre o ideal do eu.” Por esta fusão identificatória e sobreposição do eu ideal sobre o ideal do eu entraríamos na questão da estruturação patológica do superego, revelaria a probabilidade de fixação no Narcisismo Primário própria da experiência gemelar uma vez que os gêmeos apresentam um horror de ser outro implicando assim perder esta identidade fusional. Além disso a igualdade física salientada voluntariamente facilitaria a incorporação oral do outro do par gemelar, acrescida de todas as cenas de confusão e erros verificados na impossibilidade dos terceiros de distingui-los adequadamente.

Freud¹¹³ nos esclarece no texto: “Sobre o narcisismo: uma introdução” de 1914 (p.110 e 111) do amor narcísico , após ser efetuada a repressão pelo ego, “poderíamos dizer com maior exatidão do amor-próprio do ego o homem fixa um ideal em si mesmo pelo qual mede seu ego real. Este ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo ego real. ...O narcisismo surge agora deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual como o ego infantil se acha possuído de toda perfeição de valor.” Freud nos encaminha para a análise da estruturação do Superego a partir da repressão do narcisismo primário. Mais adiante na p. 117 suas idéias ficam ainda mais claras: “O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa recuperação deste estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a

¹¹² BRAIER, E. “Dead Ringers (Inseparables: Pacto de amor)”. In: _____ (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 149.

¹¹³ FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.110-111.

satisfação provocada pela realização desse ideal.¹¹⁴” Por este processo o sujeito se constituirá pela aproximação e abertura ao outro e ao fora, quebrando o enclausuramento narcísico produtor de patologias.

Ora, tudo indica que os gêmeos vivem estes processos diferentemente dos outros neonatos. Se aqueles estão sempre numa situação a três; estes vivem a incorporação e a introjeção com o par parental numa seqüência definida: primeiro a mãe como eu ideal: objeto de poder e unicidade com a qual desejam fusionar-se e pela qual se reconhecem como totalidade na fase do espelho desenvolvida por Lacan;¹¹⁵ em seguida a introjeção com um traço da figura do pai ideal qualificado como extraordinariamente viril. Esta segunda operação se apresenta como simbólica: identificação pelo significante.

Lacan¹¹⁶ observa uma facilidade identificatória entre irmãos quando a diferença de idade entre eles não supera dois anos. Assim quanto menor a diferença de idade mais fácil o reconhecimento e a identificação, o que nos levaria ao zero de espaço temporal entre os gêmeos e conseqüente fusão identificatória. A entrada do outro do par gemelar nestes processos apresentaria características próprias: a possibilidade da incorporação real do outro enquanto eu ideal, neste momento haveria a abolição do sujeito; a relativa exclusão da mãe ideal.

Relacionando estes dados teóricos aos fatos relatados pelas gêmeas Aní e Iná¹¹⁷ e acima referidos podemos entender as situações como resultado da experiência gemelar quando, pela incorporação real e abolição da identidade de cada uma a culpa pelas ações um tanto quanto ilícitas fica sem autor definido: poderia ser qualquer uma, atitude

¹¹⁴ FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.117.

¹¹⁵ LACAN, J. “Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia”. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

¹¹⁶ *ibid.*

¹¹⁷ BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. “Gêmeos, semelhança oculta”. Uberaba: Vitória, 1999.

tomada por elas durante toda a escrita do livro cuja leitura não nos identifica quem realmente é o sujeito de cada ação. Não há sujeito, há apenas as gêmeas. A função auto-reflexiva: pensar sobre si mesma, observar-se, avaliar-se e punir-se fica esvaziada do seu poder de consciência moral.

“Se o ideal do eu é o ponto virtual de onde o homem se olha com amor, o supereu é o lugar “real” de onde se olha com ódio: o olho fixado a perseguir Caim no túmulo.” Rey-Flaud¹¹⁸: “Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura” p. 52.

II.4 – “GÊMEOS: ONDE ESTÁ A SEMELHANÇA?”

As graduadas em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis: Jabbour e Marques¹¹⁹ apresentaram ao professor Carlos P. Correa em 1998 esta Pesquisa de Graduação: “A semelhança Física entre Gêmeos Univitelinos influenciando na formação da Identidade” que resultou na publicação: Jabbour, C. & Marques, L.: “Gêmeos: onde está a semelhança?” Papel Virtual Editora, Rio de Janeiro, 2000.

A questão norteadora da pesquisa foi: qual o papel da semelhança física entre gêmeos univitelinos na formação da identidade? Ela se desdobra em: O que é ser uno, singular num espaço, onde à sua volta, ou mais especificamente ao seu lado, existe um idêntico a você? Como é ser gêmeo univitelino e viver numa sociedade que nos ensina

¹¹⁸ REY-FLAUD, H. “Em torno de o mal-estar na cultura de Freud”. São Paulo: Escuta, 2002, p. 52.

¹¹⁹ JABBOUR, C. & MARQUES, L. “Gêmeos: onde está a semelhança?”. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000.

que não há indivíduo algum que seja igual ao outro? Como é viver numa sociedade que valoriza prioritariamente o individual enquanto diferente de todos os outros?

As autoras catalogaram vários materiais sobre gêmeos: livros, artigos de revista, filmes, trabalhos já publicados, etimologia da palavra, algumas informações com profissionais de saúde – médicos obstetras, pediatras, psicólogos bem como contatando diversos gêmeos idênticos para observar o interesse deles em falar sobre suas semelhanças físicas e a dificuldade que pode surgir diante desse fato. Estudaram os gêmeos na mitologia, analisaram o papel do nome próprio como formador de uma identidade. Compararam a formação da identidade em pessoas gêmeas e não gêmeas, aprofundaram seus conhecimentos quanto à identidade e à individualidade entre gêmeos, finalizando com a análise dos questionários distribuídos a quarenta gêmeos e respectivos pais, bem como a distribuição de um texto objetivando ampliar o diálogo entre as famílias de gêmeos que podem assim poderão, pela troca de informações e experiências, facilitar a compreensão desta experiência única.

As psicólogas Jabbour & Marques¹²⁰ realizaram uma pesquisa de levantamento numa amostragem de 40 gêmeos idênticos, com idades acima de 15 anos, residentes no Estado do Rio de Janeiro e outros, e de 20 casais pais desses gêmeos univitelinos.

Exemplos de questões: Como você se vê? Diferente ou semelhante a seu irmão?

Na infância como eram suas roupas? Iguais às de seu irmão?

Nos aniversários os presentes eram os mesmos?

Você ou seu irmão já fez brincadeiras de se fazer passar pelo outro?

Como era quando um de vocês adoecia ou se ausentava?

OBS – O mesmo questionário foi distribuído para os pais e os gêmeos.

¹²⁰ JABBOUR, C. & MARQUES, L. “Gêmeos: onde está a semelhança?”. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000.

II.4.1- CONCLUSÃO - “a semelhança física influencia na formação da identidade prejudicialmente, não a ponto de impedir que esta aconteça, mas em alguns momentos retardando-a ou provocando uma identidade confusa e misturada com a do outro.¹²¹” p. 11.

II.4.2- COMENTÁRIO – Pressionada pelas suas próprias questões sobre a formação de identidade singular sendo gêmea univitelina – JABBOUR¹²² – convidou sua colega de turma para desenvolverem esta pesquisa na conclusão do curso de graduação em psicologia. p. 13.

A questão fundante dessa pesquisa também é sobre a formação de uma identidade singular e única na situação específica dos nascimentos duplos.

Jabbour e Marques¹²³ atentaram para algumas ocorrências próprias da vida dos gêmeos que poderiam trazer conseqüências no processo de subjetivação:

- o costume de vesti-los de forma igual;
- o costume de presenteá-los duplamente: dar presentes iguais;
- as brincadeiras de trocas de identidade;
- a forte ligação afetiva que os une a ponto de causar doenças e indisposições na dupla e não em cada uma separadamente;
- a escolha da palavra “semelhante” ao invés de igual tanto nos questionários quanto na redação do relatório.

¹²¹ JABBOUR, C. & MARQUES, L. “Gêmeos: onde está a semelhança?”. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000, p. 11.

¹²² ibid.

¹²³ ibid

Concluindo as pesquisadoras apontaram a igualdade física, verificada entre os pares de gêmeos, como obstáculo na formação de identidade singular que, no entanto não a impede.

Pelos estudos e análises feitos a partir dos conceitos psicanalíticos acredito poder dizer que a manutenção de uma igualdade física verificada especialmente no nascimento de gêmeos é consequência da não assunção de identidade singular, faz parte do processo de subjetivação na definição de “um molde para as experiências individuais”. Revela o aprisionamento nas etapas mais primitivas do desenvolvimento psico-afetivo quando se estrutura uma personalidade narcísica ligada às fantasias próprias do Complexo Fraternal.

O impacto do nascimento duplo sobre todos aqueles que o vive seja: os próprios gêmeos, os pais, as pessoas dos relacionamentos, não se restringe a uma só consequência, como também não se fecha em apenas uma forma particular de atitude (defensiva ou não) de lidar com ele. Recorrer a Serie Complementar proposta por Freud para compreender a multiplicidade de causas e consequências nos parece mais adequado. (ver p. 109).

CAPÍTULO III - NARCISIMO

Quando fala “Sobre o Narcisismo: uma introdução p.107 Freud¹²⁴ esclarece que uma pessoa pode amar:

“1 – em conformidade com o tipo narcisista

O que é

O que foi

O que gostaria de ser ...”

Aprofundando os conceitos David Maldivsky,¹²⁵ Os duplos, a ligação pulsional e os processos subjetivos: p. 62 nos diz que existem quatro tipos de eleições narcísicas do objeto que se referem a quatro tipos de duplos tomados como objetos amorosos:

- | | |
|--------------------------|---|
| - o que eu desejaria ser | - ideal |
| - o que eu sou | - idêntico |
| - o que eu fui | - anterior |
| - o que tem saído de mim | - gerado por deslocamento uma obra, um filho. |

Em seguida, no mesmo artigo na p. 63 explica que “antes de que a relação com o outro se expresse sob a forma de desejo de tê-lo aparece o desejo de sê-lo.”¹²⁶ Isto seria a identificação primária (estudada anteriormente no capítulo II SUBJETIVIDADE desta dissertação).¹²⁷

¹²⁴ FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

¹²⁵ MALDAVSKY, D. “Los dobles, la ligadura pulsional y los procesos subjetivos”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, p. 62.

¹²⁶ *ibid.* p. 63.

¹²⁷ FREUD, S. (1923). “O Ego e o Id”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 45. “por trás dele (ideal do eu) jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal”; identificação direta e imediata mais primitiva do que qualquer catexia de objeto.

A experiência real de ser gêmeo univitelino sustenta a ilusão de completude que sabemos é a eterna busca do humano. Eles se sentirão no centro e no âmago da criação, como nos diz Freud¹²⁸ (Sobre o narcisismo – uma introdução p.108 “sua majestade o Bebê como outrora nós mesmos nos imaginávamos.” Se os gêmeos experimentam esta completude, nós que renunciamos ao narcisismo dos primeiros tempos, através deles, pelo mecanismo da identificação, também retornamos a esta etapa do desenvolvimento egoico. Os pares gemelares nos remetem às imagens especulares, às sombras, aos espíritos, à idéia de alma, enfim à estranha questão do duplo e idêntico, à experiência narcísica, às fantasias próprias do complexo fraterno ou complexo do semelhante. “Gêmeo é aquele que ao nascer traz consigo seu duplo imortal – a alma – se torna herói e sem filiação.” (Rank¹²⁹ – 1932 – p. 102) Como nos disse Belmont,¹³⁰ – p. 195 “São considerados crianças maravilhosas assimiladas aos seres espirituais e chamadas crianças dos deuses.”

Ser gêmeo idêntico é viver a ilusão de estar no centro do mundo, é estar sempre no palco da fama e do reconhecimento social. Daí para uma atividade profissional onde o atrativo único e maior é o fato da gemealidade é algo natural. Os gêmeos se exibem nesta característica de duplas idênticas; o desejo de vê-los em exibição também se prende a esta mesma característica: a gemealidade. O prazer experimentado por todos envolvidos neste ver-e-ser-visto alimenta e aprisiona provocando uma parada no desenvolvimento natural em busca do Eu e da Alteridade.

¹²⁸ FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 108

¹²⁹ RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932, p. 102.

¹²⁹ BELMONT, N. “Quelques sources anthropologiques du problème de la gémellité”. In: *Topique Revue Freudienne* 50, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Édition Dunod Revue, 1969, p. 195.

Nas situações em que a palavra “Gêmeo” se torna nome próprio, ou seja, é tomada em lugar do nome próprio de cada um do par/gemelar significa o desaparecimento do indivíduo na dupla. Isso se dá nas confusões identificatórias de todos, incapazes de discriminar corretamente cada um do par, até mesmo os próprios pais, que então passam a se referir a eles como “os gêmeos”. Existe também a possibilidade deles mesmos, os gêmeos, preferirem ser reconhecidos e apresentados pela palavra gêmeo. Um exemplo seria o seguinte endereço eletrônico: gêmeasani@____

Ser gêmeo é viver uma certeza exterior contra o desaparecimento de si que se opõe à estruturação do indivíduo. Para Freud¹³¹ "originalmente, o "duplo" era uma segurança contra a destruição do ego, uma enérgica negação do poder da morte, e, provavelmente, a alma imortal foi o primeiro duplo do corpo. Essa invenção do duplicar como defesa contra extinção tem sua contraparte na linguagem dos sonhos, que gosta de representar a castração pela duplicação ou multiplicação de um símbolo genital. O mesmo desejo levou os antigos egípcios a desenvolverem a arte de fazer imagens do morto em materiais duradouros. Tais idéias, no entanto, brotaram do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o "duplo" inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte. "

Outros autores confirmam as opiniões de Freud e Rank quando apontam para as conjunções entre gêmeos enquanto experiência do duplo e narcisismo, por exemplo:

¹³¹ FREUD, S. (1919). “O estranho”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 293-294.

Green¹³² – 1988, p. 147 ao conceituar narcisismo primário diz: “aspiração a uma totalidade auto-suficiente e imortal na qual o auto-engendramento é condição, morte e negação da morte ao mesmo tempo.” Arfoillox¹³³ 1987 – p. 158 nos fala que “gêmeo significa uma fantasia megalomaniaca de uma inflação desesperada do eu tentando negar a sexualidade dos pais e o papel do pai.” A fantasia do auto-engendramento, a tentativa de asseguramento de uma imortalidade pela experiência gemelar, o fechamento da dupla de gêmeos impedindo a intromissão do terceiro responsável pela noção de alteridade, falta e desejo, são idéias repetidas, presentes nos textos que abordam a questão gemelar.

Tanis¹³⁴, p. 133 retoma Rank quando este aponta a estreita vinculação do tema do duplo com o narcisismo primário. Mais adiante na p. 134 do mesmo texto Tanis nos revela a proximidade do duplo com os processos psicóticos. Para ele o fenômeno do duplo se manifesta como ilusão ou alucinação. Na situação gemelar o fenômeno do duplo está presente sem, no entanto ser ilusão ou alucinação. É sim presença real que acompanha e persegue um e outro.

Os sentimentos experimentados pelos gêmeos decorrentes da própria vivência gemelar podem ser tanto prazerosos quanto desprazerosos:

Se existe o prazer de nunca estar sozinho, existe também o desprazer decorrente por não conseguir impor-se no mundo como si mesmo, apesar de todos os esforços.

Se existe o prazer da experiência megalomaniaca – uma inflação do eu – presente na fantasia do auto-engendramento, existe também o despazer na fusão

¹³² GREEN, A. “Narcisismo de vida, narcisismo de morte”. São Paulo: Escuta, 1988, p. 147.

¹³² ARFOUILLOUX, J.C. “Celui que ne cessait de m’accompagner. *Nouv. Ver.psych.* 36: 143,1987.

¹³³ TANIS, B. “Circuitos da solidão - entre a clínica e a cultura”. 2a. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2004, p. 133-134.

identificatória, nos erros discriminativos quando nem eles mesmos sabem quem é quem nas fotos e filme antigos. Mesmo se no momento da foto eles tentem uma diferenciação e um só fica de óculos escuros, futuramente ficarão na dúvida sobre quem está e quem não está de óculos.

Se se sentem no centro da atenção de todos estes não conseguem distingui-los chamando-os erradamente.

Se o afeto amoroso entre eles é forte a ponto de impedir a entrada de um terceiro normalizador a gemelaridade se torna prisão que dificulta a separação/individuação.

Por tudo que foi visto de semelhança e igualdade os gêmeos têm a sensação de serem transparentes um ao outro, o que torna extremamente ameaçador qualquer possibilidade de confronto. O poder de ferir e magoar um ao outro é alto. Há uma perda de certa opacidade frente ao outro, altamente defensiva da invasão desmanteladora do Eu.

As gêmeas Aní e Iná¹³⁵ relembram, no livro (*Gêmeos: Semelhança Oculta*) p. o prazer que sentiam ao perceber a dificuldade de todos para diferenciá-las, bem como o interesse que despertavam quando dançavam juntas o que salientava uma sincronia que o conjunto das igualdades parecia perfeita. Ao longo da vida viveram momentos diferenciadores com cada uma buscando imagem, vida e lugar próprio no mundo. No entanto, depois da publicação do livro citado retomaram até mesmo o costume das roupas semelhantes e, ao tentarem a disputa por uma Cadeira na Academia de Letras do Triângulo Mineiro brigaram pela não separação: queriam a única vaga para as duas por serem gêmeas e, talvez imaginariamente, uma só.

¹³⁵ BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. “Gêmeos, semelhança oculta”. Uberaba: Vitória, 1999.

No texto de 1914: Sobre o Narcisismo, uma introdução – p.105 Freud¹³⁶ apresenta a noção de que “um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele –“ ... assim postula “a existência de um narcisismo primário em todos, o qual em alguns casos pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal.”

A gemealidade remete ao primitivismo narcísico, elucida o modo de funcionamento egoico dos começos, enquanto vivência do um completo e na ausência de faltas. A união sustenta e reproduz crenças de onipotência mágica e megalomaníaca do pensamento. Há uma supervalorização narcísica do sujeito, de seus próprios processos mentais, uma ênfase nos poderes do pensado e desejado. O amor que os une é a fascinação frente à própria imagem.

Salzberg¹³⁷ nos esclarece que “se não se transcende o narcisismo não se conhece a alteridade. Quando isso ocorre em lugar do outro aparece o duplo”. “...O duplo me reflexa e me distancia do meu desejo. Sem alteridade não há desejo.” (p.186). A ausência do desejo é evidência da ausência da falta que o instaura. A dupla formada se fecha em si mesma proibindo a entrada do terceiro estruturante edipiano – fator também da entrada no simbólico, da fuga do imaginário, da possibilidade de subjetivação.

Enclausuradas numa bolha recriam o estado narcísico original onde o objeto não é passível de substituição nem de partilha. “Os indivíduos duplos encontraram de uma vez por todas os objetos “deles” e perduram petrificados num gozo atemporal: nada nem ninguém pode perturbar esses casais de pedra, senão o intruso, pronto a suscitar a cólera

¹³⁶ FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 105.

¹³⁷ SALZBERG, B. “Los espejos vivientes”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 186.

e o ódio deles, que se apresenta no limite do círculo mágico deles.” (Rey-Flaud¹³⁸ p. 37)

A experiência do narcisismo primário enquanto comum a todos precisa ser superada para oportunizar o desenvolvimento do ego: afastamento do narcisismo primário, e, em seguida, dar margem a uma vigorosa recuperação deste estado – o narcisismo – só que agora a ligação amorosa se dirige ao ideal do eu e não mais ao Eu real. “Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal.” Freud:¹³⁹ Sobre o Narcisismo p. 117 Ainda em Freud na p. 111 “O ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo ego real.” Mais adiante, na mesma p. “O narcisismo surge agora deslocado em direção a esse novo ego ideal o qual como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor.” “O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal.”

Freud¹⁴⁰ nos esclarece no texto: “Sobre o narcisismo: uma introdução” de 1914 (p.110 e 111) do amor narcísico , após ser efetuada a repressão pelo ego, “poderíamos dizer com maior exatidão do amor-próprio do ego o homem fixa um ideal em si mesmo pelo qual mede seu ego real. Este ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo ego real. ...O narcisismo surge agora deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual como o ego infantil se acha possuído de toda perfeição de valor.” Freud nos encaminha para a análise da estruturação do Superego a partir da

¹³⁸ REY-FLAUD, H. “Em torno de o mal-estar na cultura de Freud”. São Paulo: Escuta, 2002, p. 37.

¹³⁸ FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974 , p. 117, 111.

¹³⁹ *ibid.* p. 110-111

repressão do narcisismo primário. Mais adiante na p. 117 suas idéias ficam ainda mais claras: “O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa recuperação deste estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal.”¹⁴¹ Por este processo o sujeito se constituirá pela aproximação e abertura ao outro e ao fora, quebrando o enclausuramento narcísico produtor de patologias.

Em continuidade a este processo de desenvolvimento será possível o enamoramento e a vinculação a um outro transformado em ideal sexual que ocupará o lugar do ideal do ego. Na p. 118 ele afirma que o homem “amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que ela jamais teve: o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal é amado”.¹⁴²

O aprisionamento narcísico observado nos gêmeos indiferenciados, que mantêm a qualidade de idênticos impede o processo de direcionamento da libido narcísica para o ego ideal e conseqüentemente para a caracterização de um ideal sexual garantia da triangulação edípica e estruturante do Eu.

III. 1 – COMPLEXO FRATERNO

A começar por Freud outros autores psicanalíticos nomearam diferentemente o conceito que aborda o papel determinante do relacionamento entre irmãos na

¹⁴¹ FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 117.

¹⁴² *ibid.* p. 118.

constituição do sujeito. Em Freud:¹⁴³ Complexo do Semelhante; Em Lacan:¹⁴⁴ Complexo de Intrusão, Complexo pré-edípico, Complexo Fraternal; Em Jean Laplanche¹⁴⁵ Triângulo Rivalitário; Em René Kaes:¹⁴⁶ Complexo Fraternal e Complexo Adélfico; Em Maria Rita Kehl:¹⁴⁷ Função Fraternal. Analisando-os comparativamente percebemos duas opiniões diferenciadas, dois pontos de vista singulares, e a variedade de nomes pode ser considerada sinônimo. Assim focaremos, inicialmente, nosso estudo sobre Complexo Fraternal na elucidação e definição conceitual destas duas opiniões singulares – Função Fraternal e Complexo Fraternal - que também exprimem o acordo dos autores com correntes teóricas dentro do movimento psicanalítico o que permitirá uma maior clareza aos argumentos desta pesquisa.

1 - Assim sendo entendemos por “complexo” um “Conjunto organizado de representações e investimentos, constituído a partir de fantasmas e de relações intersubjetivas nas quais a pessoa assume seu lugar de sujeito desejante”. René Kaës:¹⁴⁸ O Complexo Fraternal p. 7 Topique 51 E, na situação específica do Complexo Fraternal, referimos ao sujeito envolvido numa malha de sentimentos seja de ódio, amor narcísico e objetual, ciúme e agressividade frente a outros reconhecidos como irmãos ou irmãs, numa estrutura de relações intersubjetivas onde assume um papel de irmão ou irmã, mais novo ou mais velho, preferido pelo pai ou pela mãe. Esta vivência é fator

¹⁴³ FREUD, S. (1895). “Projeto para uma psicologia científica”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 438.

¹⁴⁴ LACAN, J. “Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia”. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p.37.

¹⁴⁵ LAPLANCHE, J_(1970). “El yo y el narcisismo”. In:_____. *Vida y muerte en Psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.

¹⁴⁶ KAËS, R. “Le complexe fraternel: Aspects de sa spécificité”. *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Edition Dunod Revue, 1969.

¹⁴⁷ KEHL, M. R. “Existe uma função fraternal”. In:_____. *Função fraternal*. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2000

¹⁴⁸ KAËS, R. “Le complexe fraternel: Aspects de sa spécificité”. *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Edition Dunod Revue, 1969, p. 7.

fundamental para as futuras experiências sociais e afetivas uma vez que esboça e contorna o perfil identificatório do indivíduo.

2 - Quanto à Função Fraternal seguiremos a publicação de Kehl¹⁴⁹ – Existe uma função fraternal? In Função Fraternal.p. 31 A autora inicia seu trabalho esclarecendo o que a motivou a utilizar a palavra “Função”. Através da palavra função ela procura “chamar a atenção para o caráter necessário, não contingente, da participação do semelhante no processo de tornar-se sujeito, para os humanos.”

Em seguida, (p. 32) Kehl¹⁵⁰ contrapõe Função Fraternal e Função Paternal ao mesmo tempo em que diferencia do trabalho dos irmãos. Por Função Paternal a psicanalista entende que se refere ao pacto – o tabu do incesto – feito entre os irmãos, após o assassinato do pai real da horda primitiva. Por Função Fraternal ela refere-se às experiências compartilhadas entre os irmãos que possibilita a saída do sujeito para fora da relação especular fornecida pelo olhar materno. Através da Função Fraternal o sujeito quebraria a ilusão identificatória com o ideal representado pelo pai ao produzir um campo horizontal de identificações e conseqüente constituição da diversidade. E, finalmente, fazer operar a função paternal é trabalho dos irmãos ou da fratria.

Refletindo sobre a abordagem feita por Kehl¹⁵¹ percebemos que ela trata o relacionamento entre irmãos como uma díade situada horizontalmente. Privilegia os pares de irmãos sem colocar em cena a mãe ou o pai. Parece não levar em conta a rivalidade entre os irmãos pelo amor materno ou paternal. Talvez, por isso, prefira a palavra Função ao invés de Complexo.

¹⁴⁹ KEHL, M. R. “Existe uma função fraternal”. In: _____ *Função fraternal*. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2000, p. 31.

¹⁵⁰ Ibid. p. 32.

¹⁵¹ KEHL, M. R. “Existe uma função fraternal”. In: _____ *Função fraternal*. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2000.

Já Lacan¹⁵² no texto de 1938 – A família – separa do Complexo de Édipo mais dois outros: o materno e o fraterno chamados pré-edípicos de acordo com aqueles que figuram os lugares do conflito. O autor inscreve o Complexo Fraterno numa organização intrapsíquica e intersubjetiva triangular levando em conta a relação privilegiada que mantém com cada um dos outros elementos como também o lugar de excluído que ocupa em referência às relações entre os outros elementos. Jean Laplanche¹⁵³ acompanha Lacan (O Ego e o Narcisismo In: *Vida y muerte en Psicoanálisis*. p.106) e privilegia a estrutura triangular para explicar a eleição de objeto narcísica situando em cada vértice o filho ou a filha; o irmão ou a irmã; o pai ou a mãe. De acordo com esta perspectiva o Complexo Fraterno não seria senão um deslocamento, uma derivação ou prefiguração da vivência edípica.

Além de Lacan¹⁵⁴ e Laplanche¹⁵⁵ um outro autor francês Kaës:¹⁵⁶ “O Complexo Fraterno – Aspectos da sua especificidade” *Topique* 51 p. 5 retoma-os explicitando o Complexo de Édipo e mais dois outros:

1 – Aquilo que Lacan¹⁵⁷ denominou triângulo pré-edípico - designa a relação: “mãe-criança-falo sendo este último o objeto fantasmático do desejo materno.” Nesta situação o falo é objeto parcial que captura o olhar desejante da mãe. O pai não é percebido como rival da criança ou como aquele que tem o falo nem tão pouco o interditor.

¹⁵² LACAN, J. (1959/1960). “A Família”. 2a. ed. Lisboa: Assirio & Alvim, 1981.

¹⁵² LAPLANCHE, J.; (1970). “El yo y el narcisismo”. In:_____. *Vida y muerte en Psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973, p. 106.

¹⁵³ LACAN, J. “Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia”. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 37.

¹⁵⁴ LAPLANCHE, J. “Vie et mort en psychanalyse”. Paris: Flammarion, 1970, p.111

¹⁵⁵ KAËS, R. “Le complexe fraternel: Aspects de sa spécificité”. *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Edition Dunod Revue, 1969, p. 5.

¹⁵⁶ LACAN, J. “Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia”. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 37.

2 – O Complexo Fraternal, ou ainda o que Laplanche¹⁵⁷ denominou o triângulo rivalitário. Laplanche acentua a estruturação triangular sem considerá-la, entretanto como anterior ao triângulo sexual do Édipo.

3 – Kaës¹⁵⁸ observa ainda algumas especificidades do Complexo Fraternal: o primado da referência à mãe no triângulo rivalitário pré-edípico, a homossexualidade adélfica e edípica, a bissexualidade adélfica, a violência e a aliança no triângulo rivalitário, as figuras de evitamento e aproximações substitutivas do complexo edípico.

Podemos comparar estes conceitos desenvolvidos por Kehl, Lacan, Laplanche e Kaës revelando tanto o aspecto diferenciador quanto igual de suas opiniões. Inicialmente distinguimos no dizer de Kehl¹⁶⁰ uma ótica linear, horizontal para compreensão do papel determinante dos irmãos na constituição do sujeito. Os outros autores Lacan, Laplanche e Kaës têm, diferentemente, uma ótica não linear, triangular para a mesma compreensão. Parece-me que a triangulação favorece a compreensão adequada de todos os sentimentos decorrentes da vivência entre irmãos porque coloca em cena a rivalidade entre dois para atrair ou manter a preferência da mãe ou do pai. A triangulação fala de aliança e exclusão, de preferido e preterido, de uma ligação maior entre dois que deixa fora um outro – cerne do drama edípico. De acordo com este ponto de vista mantemos a estrutura edípica sendo o Complexo Fraternal uma pré-figuração, um deslocamento ou derivação. A triangulação rivalitária facilita a compreensão das experiências clínicas relatadas nessa dissertação. Percebemos o ódio

¹⁵⁷ LAPLANCHE, J. “Vie et mort en psychanalyse”. Paris: Flammarion, 1970.

¹⁵⁸ KAËS, R. “Le complexe fraternel: Aspects de sa spécificité”. *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Edition Dunod Revue, 1969.

¹⁵⁹ KEHL, M. R. “Existe uma função fraternal”. In: _____. *Função fraternal*. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2000.

rivalitário entre Consuelo e sua irmã Francis da qual não pode se descolar por causa da dor aguda de só manter a ligação, só sentir o odor e o toque caloroso com a mãe, através daquela irmã. O drama envolve três atores – Consuelo, sua irmã Francis e a mãe – numa organização não só triangular, mas também de aliança e exclusão. Na posição de terceira excluída Consuelo experimenta fortes sentimentos de raiva, inveja e impotência por não conseguir separar o par fusionado e ser obrigada a colar-se por sua vez à irmã para desfrutar desta ligação de sensualidade com a mãe através da irmã. Ela vive o drama de não poder se descolar da irmã que lhe roubou o seio. É importante lembrar que Freud¹⁶¹ foi o primeiro a insistir sobre a função estruturante do Complexo de Édipo uma vez que organiza as relações dando lugar ao desejo e à exclusão de acordo com os vértices do triângulo. Acredito que manteremos a visão freudiana do Complexo de Édipo se o sustentarmos no lugar do complexo nuclear e os outros (paternal, maternal e fraternal) se articulando às dimensões da estrutura edipiana. Nos outros complexos: materno, paterno e fraterno também buscamos analisar e compreender os lugares do desejo e da exclusão.

Essas diferenças entre os autores, apontadas acima, nascem de uma igualdade: todos iniciam suas reflexões referindo-se aos textos freudianos. Por isso precisamos ver, primeiramente, algumas observações de Freud¹⁶² a respeito dos afetos envolvidos nos relacionamentos entre irmãos. Em 1895 - Projeto para uma Psicologia Científica – (p. 438) Freud adverte sobre a especificidade do relacionamento com um outro ser humano - Complexo do Semelhante – “Suponhamos que o objeto apresentado pela percepção se pareça com o próprio sujeito – com um outro ser humano. Nesse caso, o interesse teórico (que se lhe dedica) fica explicado também pelo fato de que um objeto

¹⁶¹ FREUD, S. (1900-1901). “A Interpretação de sonhos”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. V. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

¹⁶² FREUD, S. (1895). “Projeto para uma psicologia científica”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 438.

semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório (do sujeito), seu primeiro objeto hostil e também sua única força auxiliar. É por esse motivo que é em seus semelhantes que o ser humano aprende a se re-conhecer.” onde o outro ser humano se constitui como primeiro objeto que é similar ao sujeito e tem com ele uma relação de reciprocidade; ao mesmo tempo o outro tem um núcleo irreduzível ao núcleo do próprio sujeito; assim aquele sustenta a noção de igual e de diferente ao mesmo tempo ou seja o semelhante.

Já no ano de 1922 em: “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo”¹⁶³ p. 280 lemos que: “... durante a primeira infância, impulsos de ciúmes derivados do complexo materno e de grande intensidade, surgiram contra os rivais geralmente irmãos mais velhos. Esse ciúme provocou uma atitude excessivamente hostil e agressiva para com esses irmãos, que poderia atingir a intensidade de desejos reais de morte... esses impulsos renderam-se a repressão e experimentaram uma transformação de maneira que os rivais do período anterior se tornaram os primeiros objetos amorosos homossexuais.” Assim reconhecemos como o cerne da experiência Fraternal o recalçamento do ciúme e da agressividade e conseqüente transformação em amor. Este será então primeiramente homossexual e narcísico servindo de suporte às futuras escolhas e vinculações afetivas.

Em 1921 no texto: “Psicologia de grupo e análise do Eu”,¹⁶⁴ p. 152 Freud escreve: “Algo semelhante a ele (instinto gregário) primeiro se desenvolve num quarto de criança com muitas crianças, fora das relações dos filhos com os pais... O filho mais velho certamente gostaria de ciumentamente por de lado seu sucessor, mantê-lo afastado

¹⁶³ FREUD, S (1922). “Alguns mecanismos neuróticos do ciúme, na paranóia e no homossexualismo”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 280.

¹⁶⁴ FREUD, S. (1921). “Psicanálise e Telepatia”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 152.

dos pais e despojá-lo de todos os privilégios; mas, à vista dessa criança mais nova (como todas que virão depois) ser amada pelos pais tanto quanto ele próprio e em consequência da impossibilidade de manter sua atitude hostil sem prejudicar-se a si próprio, aquele é forçado a identificar-se com as outras crianças.”

O Complexo Fraternal se caracteriza por ser uma experiência de relações carregadas de sentimentos e fantasias no grupo de semelhantes: indivíduos da mesma geração, diferentemente do Complexo de Édipo onde o drama envolve gerações diferentes: filho e pais.

A análise destes comentários nos revela a posição de Freud:¹⁶⁵ rivalidade acirrada entre os irmãos, podendo mesmo levar ao desejo de morte para se assegurar de um lugar privilegiado junto aos pais, que depois se transformaria em ternura homossexual. Com este conceito Freud estaria lançando as bases de futuros desenvolvimentos teóricos sobre a religião, o código moral e a organização de grupos.

Depois de seguir as observações de Freud¹⁶⁶ ao longo de vários textos estamos em condição de analisar as contribuições de Lacan.¹⁶⁷ Em 1938 quando conceitua o Complexo Fraternal – in *A Família* da p. 40 a 46 Lacan evidencia quatro componentes principais na experiência que o sujeito primitivo realiza quando encontra seu semelhante:

“- Identificação mental – A imagem do semelhante – A psicanálise mostra-nos no irmão, no sentido neutro, o objeto eletivo das exigências da libido que, no estágio que

¹⁶⁴ FREUD, S. (1922). “Alguns mecanismos neuróticos do ciúme, na paranóia e no homossexualismo”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 280.

¹⁶⁵ *ibid.*

¹⁶⁶ LACAN, J. (1959/1960). “A Família”. 2a. ed. Lisboa: Assirio & Alvim, 1981, p. 40-46.

estudamos, são homossexuais. Mas também insiste na confusão neste objeto de duas relações afetivas amor e identificação;

- O sentido da agressividade primordial – É muito especialmente na situação fraterna primitiva que a agressividade se demonstra como secundária à identificação;

- O estágio do espelho – Se a procura de sua unidade afetiva promove no sujeito as formas em que ele representa sua identidade, a forma mais intuitiva é dada, nessa fase, pela imagem especular. O que o sujeito saúda nela é a unidade mental que lhe é inerente – O que nela reconhece é o ideal da imago do duplo. O que nela aclama é o triunfo da tendência salutar

- Estrutura narcísica do Eu – Reflexão especular; a imago do duplo que lhe é central; ou a ilusão da imagem: este mundo iremos vê-lo, não contem outrem.”

Em 1948, no texto *A agressividade em Psicanálise*:¹⁶⁸ p. 115 Lacan observa no estágio do espelho “o dinamismo afetivo pelo qual o sujeito se identifica primordialmente com a gestalt visual de seu próprio corpo: ela é, em relação à descoordenação ainda muito profunda de sua própria motricidade, uma unidade ideal, uma imago salutar; é valorizada por todo o desamparo original, ligado à discordância intra-orgânica e relacional do filhote do homem durante os primeiros seis meses de vida, nos quais ele traz os sinais neurológicos e humorais, de uma prematuração natal fisiológica”.

Ao comentar o estágio do espelho na p. 27 do texto *O Complexo Fraternal – Aspectos de sua especificidade* - Kaes¹⁶⁹ refere-se a uma “ambigüidade espetacular da

¹⁶⁸ LACAN, J. (1949). “A agressividade em Psicanálise”. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 115.

¹⁶⁹ KAËS, R. “Le complexe fraternel: Aspects de sa spécificité”. *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Edition Dunod Revue, 1969, p. 27.

estrutura do Eu narcísico, formado no estágio do espelho pela imagem da qual, inicialmente não se distingue... que no dizer de Lacan o irmão é o modelo arcaico do Eu”. Kaës supõe no drama do ciúme que se segue ao estágio do espelho a introdução do terceiro organizador de uma situação triangular, o que apresenta ao sujeito nova alternativa: ou retornar ao objeto maternal quer dizer recusar o real e destruir o outro; ou ainda admitir um objeto outro que faz obstáculo à realização dos seus desejos e permiti-lhe o acesso ao conhecimento e à comunicação.

Freud já falava também sobre a possibilidade da presença dos irmãos na estruturação triangular (Freud¹⁷⁰ 1920 – Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina- p.152) o que Laplanche ampliando¹⁷¹ (1970 – p.111) precisa: o triângulo de rivalidade fraterna está conformado pelo menino ou menina, os pais e o irmão ou a irmã; diferentemente do triângulo edípico cujos vértices do triângulo confrontam o menino ou a menina o pai e a mãe. Origina-se na Teoria do estágio do espelho proposta por Lacan¹⁷² e é, por sua vez, ponto de origem do Complexo Fraternal. Revela-se, na clínica, pelas configurações características dos relacionamentos entre os pares ou no casal.

¹⁶⁹ FREUD, S. (1920). “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p.152.

¹⁷⁰ LAPLANCHE, J. (1970). “El yo y el narcisismo”. In: _____. *Vida y muerte en Psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973, p. 111.

¹⁷¹ LACAN, J. (1948). “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.101.

Retomando os casos de: Aní e Iná¹⁷³ e de Consuelo e Francis, observamos uma semelhança e uma diferenciação: As primeiras em sua condição de gêmeas univitelinas, portanto quase idênticas, abrem uma possibilidade para a diferenciação; já as segundas pela condição de gêmeas imaginárias podem se tornar idênticas sem o quase para a diferença. Pelo o observado a Ani e Ina parecem encontrar-se numa vivência narcísica mais especificamente no Complexo Fraternal na fase do Estágio do Espelho, onde o Eu não se distingue da imagem do idêntico que o reflete. Nesta situação o gêmeo e o reflexo espelhar se fundem. Tendo talvez experimentado a triangulação edipiana que se revela na medida em que viveram um tempo de diferenciação e aceitação do outro recusam-na regredindo para a fantasia do duplo mágico e idêntico. Formam, atualmente, uma dupla fusionada, sem abertura para a triangulação. Estão sempre juntas nas situações sociais, sem suas respectivas famílias nucleares. Apresentam-se iguais, mesmo corte e cor de cabelos, roupas e adereços similares, mesmo peso e maquiagem, no que reconheço um esforço consciente de igualdade. Quando questionadas afirmam que é na condição de gêmeas que encontram sua força criativa, portanto seus livros e artigos são sempre escritos conjuntamente sem identificação das contribuições da cada uma. Não se apresentam sozinhas nas entrevistas porque para elas a força oculta que as distingue é fruto do nascimento gemelar.

As outras, falsas/gêmeas, apresentam-se também na experiência do Complexo Fraternal, mas agora, na fantasia fratricida, numa vinculação tanática de dominação e submissão e conseqüente apagamento de uma sobre a outra. Reconheço em Consuelo um movimento agressivo não verbalizado resultado da identificação oral: onde o outro incorporado oralmente deixa de existir na realidade. Uma identificação suportada e

¹⁷² BITTENCOURT, A. & BITTENCOURT, I. "Gêmeos, semelhança oculta". Uberaba: Vitória, 1999.

atuada: fixação no masoquismo primário e repetição do desejo de morte associado à situação maternal. Para Consuelo a irmã Francis aparece como um duplo imortal. No texto de Kancyper¹⁷⁴ (p. 52) “O duplo imortal opera como corpo estranho ao Eu, borra os limites da mesmidade e da alteridade e é por fim fonte de angústias confusionais e de relações de objeto narcisistas. Se instala na espacialidade psíquica do sujeito como um inquilino violentador, que além de impedir ao Eu ser o dono na sua própria casa, o transforma em escravo” Em Freud¹⁷⁵ (O estranho – 1919 p. 293) O duplo imortal se caracteriza por ser inquietante, familiar e estranho, e corresponder a um retrocesso a fases singulares da história do desenvolvimento do sentimento egoico, numa regressão a épocas nas quais o ego não havia se separado do mundo exterior nem do outro. Tem-se um efeito ominoso quando se borram os limites entre fantasia e realidade, quando aparece frente a nós como real algo que havíamos tido por fantasmático, quando um símbolo assume a plena operação do simbolizado.

Em Lacan:¹⁷⁶ “Os Complexos Familiares” 1938 p. 30 ao esclarecer o que ele denominou de “Complexo da Intrusão” nos remete a situações pré-edípicas onde podemos observar situações que desempenham papel de “organizadores” no desenvolvimento psíquico. Dentre eles a ocorrência dos nascimentos e suas conseqüências na configuração familiar sejam eles primogenia ou irmandade.

Na primeira situação o papel do recém-nascido será de herdeiro ou abastado, na segunda situação: usurpador(es). Retomando suas palavras vemos: “O complexo de intrusão representa a experiência que o sujeito primitivo realiza, na maioria das vezes

¹⁷⁴ KANCYPER, L. “Complejo fraterno y complejo de Édipo”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 52.

¹⁷⁴ FREUD, S. (1919). “O estranho”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 293.

¹⁷⁵ LACAN, J. “Os complexos familiares na formação do individuo: ensaio de análise de uma função em psicologia”. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 30.

quando vê um ou vários de seus semelhantes participar com ele na relação doméstica, melhor dizendo, quando ele se reconhece como tendo irmãos.”

Para Lacan¹⁷⁷ “o papel traumatizante do irmão, no sentido neutro, é, pois, constituído por sua intrusão. O fato e a época de seu aparecimento determinam sua significação para o sujeito.” (p.39) Se o nascimento ocorre após a estruturação edipiana, o recém-nascido será percebido pelos irmãos através da identificação parental e não será para “o sujeito, o obstáculo ou o reflexo, mas uma pessoa digna de amor ou de ódio. As pulsões agressivas se sublimam em ternura ou severidade.” Caso contrário, ou seja se o nascimento ocorre na experiência pré-edípica este irmão poderá ocupar o lugar do duplo usurpador, que o desvela, espia ou adivinha ou ainda aquele que funciona como eco dos meus pensamentos já que esta ocorrência se dá na etapa narcísica do desenvolvimento.

Lacan¹⁷⁸ compreende a “estrutura mental com o sentido pleno do mito de Narciso; que esse sentido indica a morte: a insuficiência vital de que provem esse mundo; ou o reflexo especular: a imago do duplo que lhe é central; ou ilusão da imagem: esse mundo, como veremos, não contém o outro.” (p. 38)

Se Lacan está analisando as conseqüências subjetivas dos nascimentos a partir do fato em si e da época em que ocorre: quanto mais tarde menos traumática, ele também leva em conta o papel de “modelo arcaico do Eu” que os irmãos representam. Retomando suas próprias palavras lemos: “Aqui, o papel de agente cabe ao primogênito como sendo o mais acabado. Quanto mais conforme for esse modelo com o conjunto das pulsões do sujeito, mais feliz será a síntese do eu e mais reais as formas da objetividade. *Será essa fórmula confirmada pelo estudo dos gêmeos?* (grifo meu) Sabe-se que numerosos mitos lhes imputam a potência do herói, através do que é restaurada na realidade a harmonia do seio materno, mas à custa de um fratricídio. Seja como for, é

¹⁷⁶ ibid. p. 39.

¹⁷⁸ ibid. p. 38.

pelo semelhante que o objeto como o eu se realiza: quanto mais pode assimilar de seu parceiro, mais o sujeito conforta ao mesmo tempo sua personalidade e sua objetividade, garantia de sua futura eficácia.”¹⁷⁹(p.40)

Ao salientar os aspectos positivos das identificações com o semelhante ele abre um questionamento: não existem semelhantes mais próximos que os gêmeos: será então o fator da gêmealidade um facilitador das condutas adaptadas ou um obstrutor dos aspectos diferenciadores que oportunizam a assunção do que é próprio a cada um além de tudo o que também é identificado? Lacan encontra “as conexões da paranóia com o complexo fraterno pela freqüência dos temas de filiação, de usurpação, de espoliação, como sua estrutura narcísica se revela nos temas mais paranóides da intrusão, da influência, do desdobramento, do duplo e de todas as transmutações delirantes do corpo.”¹⁸⁰ (p.41).

Retomando a análise realizada com a Consuelo e descrita no capítulo deste texto reconheço, ali, um exemplo de “Complexo Fraterno” relacionado como diz Kancyper¹⁸¹ (p. 43) “fundamentalmente com a dinâmica narcisista e paradóxica do duplo em suas variadas formas: imortal, ideal, bissexual e especular.”

Seguindo ainda Kancyper encontramos na p. 45: “O complexo fraterno se acha determinado em cada sujeito, de forma particular, pela presença de uma fantasmática singular, que provem do interjogo que se estabelece a partir da dinâmica narcisista entre os distintos tipos de duplos em interação ou independência da dinâmica edípica. As fantasias inerentes à fratria são, entre outras:

¹⁷⁹ *ibid.* p. 40.

¹⁸⁰ *ibid.* p. 41.

¹⁸¹ KANCYPER, L. “Complejo fraterno y complejo de Édipo”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 43,45.

- 1) fratricidas (Caim e Abel)
- 2) furtivas e de excomunhão (Jacob e Esaú)
- 3) de gêmealidade (Rômulo e Remo)
- 4) de bissexualidade (o mito de Narciso segundo a versão Pausanias)
- 5) de complementaridade (Moisés e Aaron)
- 6) de confraternidade (reconciliação de José e os irmãos).”

Neste caso clínico em discussão percebemos a presença de fantasias: fratricidas, furtivas e de excomunhão bem como de gêmealidade. A morte do seu par gemelar atualizou em Consuelo a fantasia fratricida originada no desejo e expiada na culpa do sobrevivente. Tendo sobrevivido à irmã passou por um período expiatório quando foi morar com os avós paternos até os 6 anos de idade – fantasia de excomunhão -. O renascimento de seu par gemelar na irmã Francis enquanto fantasma do gêmeo morto aprisionou-a num tipo específico de escolha dramática de relacionamentos onde sempre busca a reatualização do seu passado histórico elegendo objetos que se prestem a uma fusão e submissão assim como dificultem a assunção a uma identidade própria. No artigo de minha autoria “Gêmeos – semelhança revelada” publicado na *Pulsional*¹⁸² – Revista de Psicanálise n.185 março- 2006 p.26 ao analisar os depoimentos das gêmeas Aní e Iná verifiquei a dificuldade que experimentaram para se constituírem enquanto diferentes uma da outra, com identidade própria, tendo em vista o fato de serem idênticas, portanto duplas e facilmente confundíveis entre si, não só pelos outros como também por elas mesmas. Assim depois de passarem horas e horas trocando de papéis ficavam confusas quanto as suas verdadeiras identidades; ou ainda quando reviam suas fotos antigas não sabiam distinguir uma da outra: quem estava à direita ou à esquerda?

¹⁸² MARQUEZ, I. S. M. A. B. “Gêmeos: Semelhança revelada”. *Pulsional – Revista de Psicanálise* nº 185. São Paulo: Escuta, março/2006, p. 26.

A falsa-gêmea Francis na sua característica de fantasma do gêmeo morto, portanto produto de projeções maciças, pertencente ao campo imaginário, apresenta uma maior plasticidade e se presta a ser transferida repetitivamente e indefinidamente em todos os outros dos relacionamentos. O imaginário abre a possibilidade do igual. As gêmeas Aní e Iná, reais, pertencentes ao mundo externo e objetivo impedem a transferência ao se fecharem sobre a dupla que formam. O real abre a possibilidade do semelhante ou do diferente, dependendo das fixações e regressões próprias da história de cada par gemelar.

CAPITULO IV- ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO DE CHICO TEIXEIRA

“CARREGO COMIGO”¹⁸³

1 – O FILME

Estamos na pele dos gêmeos, e assim percorremos a cidade. Notamos o interesse de todos! Nossa presença atrai as atenções. Sentimos os olhares de surpresa e admiração! Não fazemos parte da multidão incógnita! Todos nos olham! Nossa diferença faz diferença! Assim entramos no mundo dos gêmeos idênticos, usando a câmara como corpo e o filme como visão.

Muitos nos param para perguntar: Vocês são gêmeos? Em seguida os comentários: São parecidíssimos ou então, são totalmente diferentes! As brincadeiras também se repetem: Fotocópias, Xérox, Clones, Par de vasos! **Assim é o mundo visto e ouvido pelos gêmeos.** Surpresa, admiração e interesse. O mundo se encanta com a presença dos gêmeos! Em todos os lugares eles se tornam o foco dos olhares. É agradável se sentir assim! O vínculo prazeroso do ver e ser visto se estabelece de imediato e desde sempre!

Nas cenas seguintes somos expectadores. Estamos na platéia vendo as atuações das cantoras: Célia e Celma, Neném e Pepe, Dori & Dori – as drag-queen Marcio e Marcelo, os modelos e atores Carlos e Cláudio, o Concurso Miss Guanabara 1966 com as gêmeas Ana Cristina e Maria Elizabeth disputando o título, o desfile de modas com Carolina Bittencourt (o nome da irmã gêmea não foi revelado no filme); estamos também na multidão de fieis que assistem as cerimônias religiosas dirigidas pelos

¹⁸³ TEIXEIRA, C. “Carrego comigo”. Documentário. Filme.

padres Henrique e Clemente; somos ainda convidados a entrar de cabeça no espaço aquático onde se exibem as gêmeas Bia e Juliana no nado sincronizado.

Penetramos nos locais de trabalho dos automobilistas e roteiristas Stanley e Ricardo, e das cabeleireiras Maria Madalena e Maria Francisca; desenhamos junto com os cartunistas Francisco e seu irmão (sem nome no filme) o mural comemorativo da reunião dos pares que aparecem nas cenas; de Marcio e Flaviomar conhecemos suas famílias, participando da comemoração do aniversário duplo, bem como do futebol onde eles têm as camisas de número 6 e 9; assistimos ao nascimento de gêmeos do sexo masculino não sem antes termos visto o ultra-som que mostra a gestação; vemos e ouvimos os depoimentos do preso político – sem nome e sem o irmão – pois fiel ao movimento “não abriu”; visitamos na prisão os gêmeos Eduardo Marcelo e Eduardo Rogério detidos por assaltos. **É assim que o mundo vê os gêmeos.**

Nas entrevistas somos levados a elaborar, intimamente, as perguntas depois das respostas dadas, numa inversão provocada pelo anonimato silencioso do entrevistador. Na pele do entrevistador revelamos **o que o mundo quer saber sobre os gêmeos.**

1.1- Trocas de identidades

Todos têm histórias para contar essencialmente semelhantes entre si. As experiências com as trocas de nomes são comuns. Parece que conseguimos distingui-los quando estão juntos, mas não acertamos os nomes. Às vezes até eles mesmos se confundem como nos conta a irmã de Carolina Bittencourt : certas manhãs ao olhar-me no espelho digo: “Carolina eu hoje estou a sua cara!”

Algumas confusões de identidade são cômicas: como as esposas do Marcio e do Flaviomar realizavam os partos na mesma maternidade aconteceu de algumas vezes

haver um espaço de apenas alguns meses entre um nascimento e outro. Posteriormente as enfermeiras revelaram acreditar que eles eram um só homem e duas mulheres diferentes.

Em seguida eles colocam esta questão sobre paternidade: “Se nosso DNA é igual num exame de verificação de paternidade qualquer um de nós dois pode ser o pai?”

Stanley relembra o beijo que recebeu da namorada do Ricardo.

Ana Cristina e Maria Elizabeth trocam de identidades em Miami durante o concurso Miss Universo o que possibilitou a primeira andar sozinha, sem problemas, pelas ruas da cidade, agindo contra as regras estabelecidas pelo Concurso que proibia, terminantemente a saída isolada de uma Miss.

Outras são trágicas e provocam o choro mesmo tanto tempo depois do acontecido: o preso político relata o aprisionamento do seu irmão em seu lugar, durante a revolta estudantil de 1964, numa época em que a tortura era inevitável naquelas situações. Justificando-se ele relata que ele mesmo já tinha sido preso duas vezes, sua esposa estava com problemas de fim de gestação, justificativa que não aplaca o sentimento pois em seguida ele completa: “mas, mesmo assim fica a idéia - se eu me apresentasse ele seria libertado. Eu sabia que ele não ia abrir. Eu temi que ele morresse. Tanto é que depois ele passou por uma cirurgia.”

1.2- Experiências repetidas

O Francisco relembra a época das descobertas sexuais e, relata uma experiência sexual, à noite, com a empregada da casa, na cozinha. Como a cama tinha molas velhas ele se preocupou com o “nhec...nhec...nhec...” inevitável pensando que iria acordar a casa toda. Assim que tudo terminou escapuliu sorrateiramente para o quarto onde ambos dormiam. Na manhã seguinte ouviu os mesmos barulhos anteriores, olhou na cama ao

lado e ela estava vazia. Ou seja: “uma vida absolutamente particular, privada, mas, igualzinha”.

Eduardo Marcelo e Eduardo Rogério ficaram detidos pelo mesmo delito em decorrência das igualdades de identidade e aparência: um cumpria pena na penitenciária e o outro foi abordado na rua e retido como foragido da prisão.

O padre Clemente teve uma amiga e namorada no Brasil - sua primeira paixão – durante este relacionamento e como consequência dele, descobriu sua vocação religiosa.

Tempos depois seu irmão Henrique tendo vindo para o Brasil, teve a mesma namorada e o desfecho também foi a definição da vocação sacerdotal. Padre Clemente observa que muitas mulheres que se interessaram por ele repetiam o mesmo sentimento, posteriormente, por seu irmão.

1.3- Vínculo afetivo

Todos concordam com o amor que os une. Além disso, muita cumplicidade, conhecimento, e sensação de semelhança. Francisco e seu irmão reafirmam a anterioridade da experiência gemelar frente a todos os outros relacionamentos afetivos da vida adolescente ou adulta. Daí decorre o ciúme que todos os parceiros amorosos têm do par de irmãos.

As cabeleireiras – Maria Madalena e Maria Francisca - trabalham na mesma profissão, são sócias proprietárias do instituto de beleza e moram na mesma casa com os maridos. Depois de assistirem os programas preferidos na TV sobem juntas para dormir. Os maridos vão depois!

Stanley e Ricardo relembram que sempre tiveram um só carro, uma só carteira de motorista. Quando saíam estavam sempre querendo ir aos mesmos lugares.

1.4 – Orgulho dos pais

Os gêmeos existem para serem exibidos! Prova de masculinidade? Poder da diferença? Os pais estão sempre querendo exibir seus gêmeos. A semelhança é realçada pelas vestimentas e adereços totalmente iguais. “Sempre andamos totalmente iguais. Nem para ir pro quintal brincar descançávamos, estávamos iguais.” Célia e Celma

1.5 – Consciência da condição especial

Para Ana Cristina e Maria Elizabete por volta dos 7 anos perceberam que uma era a imagem e semelhança da outra. Já a Celma e Célia disseram: “desde que nos demos conta da nossa existência percebemos também a outra igual.”

Para os gêmeos uma outra pergunta também se impõe: quando é que percebemos que os outros não eram gêmeos? Em decorrência das respostas a estas questões é evidente uma sensação de mistério, de diferença em relação a todos os outros irmãos e, enfim, de serem especiais.

1.6 – Sexo

Eles percebem ser uma promessa erótica de mais prazer, são freqüentes os pedidos de sexo a três, talvez na suposição de um “Prazer em dose dupla”, assim Carlos e Cláudio posaram para revistas masculinas e participaram das cenas televisivas de jogos eróticos na banheira com mulheres.

1.7 – Desejo de ser único

Não conseguir impor-se no mundo como si mesmo, apesar de todos os esforços incomoda, no entanto, em filmes e fotos antigas nem eles mesmos sabem quem é quem.

1.8 – Desejo de igualdade

“O mundo nos quer iguais” dizem Padre Clemente e Padre Henrique.

1.9 – Medo da separação

Para a maioria é impensável a morte de um só. Quem nasceu junto, viveu junto, deve morrer junto também.

1.10 – Medo do Confronto

Por tudo que foi visto de semelhança e igualdade os gêmeos têm a sensação de serem transparentes um ao outro, o que torna extremamente ameaçador qualquer possibilidade de confronto. O poder de ferir e magoar um ao outro é alto.

RELATOS MARCANTES

NESTE MOMENTO INSTALOU-SE A DIFERENÇA

- Francisco e seu irmão – os cartunistas

Ter filhos gêmeos era o sonho da nossa mãe. Durante sua vida fez simpatias como, por exemplo, comer frutas fusionadas para atingir seu objetivo. A sua morte tirou a razão da nossa gêmealidade, este era o sonho dela – neste momento eu me senti livre.
(Francisco)

Seu irmão, no entanto, reagiu de forma totalmente diversa: com a morte da mãe senti necessidade de procurar meu par. No depoimento o irmão revela, ainda, que a mulher do Francisco está muito enciumada e determinou: ou ele ou eu.

Na entrevista discutem a possibilidade de comemorarem o aniversário duplo, separadamente, cada um na sua cidade. Um deles defende esta idéia o outro reage contra.

- O preso político

“Eu estou encafifado comigo. Preciso investigar. Reagi diferente à morte da minha irmã. Porque estou sentindo tanto? Porque estou reagindo diferentemente do meu irmão?”

Ele é o único que aparece sozinho no filme: sem seu par gemelar. Atualmente estão separados. Não têm se encontrado

Marcio e Flaviomar

“Você não pode bater no meu filho!” – “Se você estivesse lá faria a mesma coisa!” Neste momento perceberam que não era mais a mesma coisa – algo havia mudado. Se antes tinham casas próprias, mas quintal e área de lazer comum construíram um muro separando. Ao serem questionados se haviam brigado disseram: levantamos o muro para não brigar.

FUSÃO

A cena de entrevista com as cantoras Celma e Célia acontece num local escuro, com pouca iluminação. Parece ser o apartamento que dividem. Além da língua própria (sílabas invertidas – de trás para frente) elas revelaram ter lugar marcado para assentar – cada uma tem seu lado próprio em relação à outra.

Em um determinado momento elas são filmadas cada uma segurando uma boneca – também iguais – solitárias e isoladas na prisão narcísica.

Uma cena triste onde parecem nos dizer: só podemos brincar de ser mães, somos crianças ligadas condenadas a não se separarem em busca da própria vida.

CENA FINAL

O filme tem seu desfecho com uma canção composta e cantada pelos gêmeos e que revela: **o que os gêmeos querem do mundo!**

IV. 2 - COMENTÁRIO

O diretor deste documentário – Chico Teixeira – durante uma conversa, revelou-me que a idéia deste trabalho nasceu de uma questão sempre presente para ele: a identidade. Naquele mesmo momento ele estava, mais uma vez, dirigindo uma outra filmagem dentro do mesmo tema.

Podemos traduzir sua questão nos seguintes termos: como é ser desafiado a uma identidade única e singular tendo ao seu lado um idêntico a si mesmo? A partir da definição deste tema entrevistou e filmou 13 pares de gêmeos, em várias situações, de onde editou este documentário.

Acredito poder afirmar, após a análise da sua produção, que a autenticidade pessoal da questão norteadora do seu trabalho deu-lhe condições para expor os aspectos mais relevantes da experiência gemelar. Assim observo, nas cenas apresentadas, semelhanças reveladoras do que encontrei nos textos específicos do tema bem como escutei na clínica, e as considerações teóricas para este documentário não diferem, essencialmente, de todo estudo feito até agora.

Chico Teixeira mostrou-nos que a gêmealidade dificulta, mas não impede a separação individualidade/alteridade. Outros fatores podem intervir tanto numa direção quanto em outra. Também apontou o prazer e o provável aprisionamento dos pares de gêmeos na experiência do amor e admiração a si mesmo; do fechamento da dupla que

impede a entrada do terceiro, as situações conflituosas quando um outro procura quebrar o par, colocando-se entre eles; bem como outras tantas situações, às vezes constrangedoras, decorrentes do nascimento gemelar univitelino. Estes aspectos estão delimitados dentro do conceito teórico psicanalítico do narcisismo.

O filme: “Carrego Comigo” ilustra de forma primorosa o conceito do narcisismo e o Complexo Fraternal restando-nos, no momento, apenas lembrar sinteticamente o que já foi exposto nesta pesquisa.

Assim a gêmealidade remete ao primitivismo narcísico, elucida o modo de funcionamento egóico dos começos da vida psíquica: enquanto vivência ilusória do um completo e na negação de faltas. Tendo seu fundamento na crença da dualidade humana – espírito e corpo – tal qual nos fala Rank¹⁸⁴ que vê na dupla gemelar a concretização do dois-em-um, torna-se fundamento de mitos heróicos, reproduz crenças de onipotência mágica e megalomaniaca do pensamento. Há uma supervalorização narcísica do sujeito, de seus próprios processos mentais, uma ênfase nos poderes do pensado e desejado. O amor que une os gêmeos é a fascinação frente à própria imagem é a experiência prazerosa do “idêntico a si mesmo” que obtura a vivência anterior do corpo fragmentado.

A experiência narcísica impede o conhecimento da alteridade e quando isso acontece em “lugar do outro aparece o duplo”- Salzberg.¹⁸⁵ O duplo que me reflete propicia a vivência de estranheza tão bem abordada por Freud¹⁸⁶ – estranho ou assustador: tudo aquilo que sendo familiar retorna como oposto ou não-familiar. O outro ao me refletir como um todo não fragmentado se é fonte de prazer e ideal de ser, ao

¹⁸⁴ RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932.

¹⁸⁴ SALZBERG, B. “Los espejos vivientes”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gêmeos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000.

¹⁸⁵ FREUD, S. (1919). “O estranho”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 293.

mesmo tempo aliena-me numa imagem que, a partir de então, me representa para mim mesma. Desta origem egoica resta o prazer do espetáculo, da parada e da sedução, dá sua forma às pulsões sado-masoquistas e escoptofílica (ver e ser visto), nega a essência do outrem.

O duplo espelhar impede a separação Eu/Não Eu, a alteridade e, conseqüentemente, o desejo “...Sem alteridade não há desejo.” Salzberg¹⁸⁶ (pág 186). A ausência do desejo é conseqüência da ausência da falta que o instaura. A dupla formada se fecha em si mesma proibindo a entrada do terceiro, que como sabemos é o estruturante edipiano. Como a experiência edipiana é a responsável pela definição do sujeito desejante, da entrada no simbólico, da fuga do imaginário e da possibilidade de subjetivação; todos estes processos se tornarão comprometidos.

Essas reflexões nos remetem à cena da entrevista com as cantoras Celma e Célia, descrita anteriormente na p. e, retratam, a dificuldade de assunção da identidade própria. A escuridão melancólica escolhida pelo diretor do filme transmite-nos uma mensagem: o espelhismo obstruindo a diferença; o enlace tanático impedindo a vida. É constrangedor assistirmos o faz-de-conta que somos mães, já que entre nós está proibida a entrada de qualquer outro, mesmo se fosse filho. Os gêmeos têm que estar sempre juntos, e isolados dos outros, porque aquilo que os diferencia dos que os rodeiam é a situação específica da gêmealidade, só assim são imortais e podem tornar-se heróis, só assim estariam fora das leis naturais da afiliação e da morte. (Rank¹⁸⁷ 1932 – p.97)

¹⁸⁶ SALZBERG, B. “Los espejos vivientes”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000, p. 186.

¹⁸⁷ RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932, p. 97.

Celma e Célia recriam o par de “indivíduos duplos” estudados por Freud.¹⁸⁹ Se aparentam um amor supremo, incondicional, na verdade, vivem o contrário, um amor que “se apresenta como a inversão completa do amor: ele não se realiza na articulação de duas faltas, mas na saturação de uma falta por um completo que produz o engodo de um retorno ao narcisismo. Diz-se desses apaixonados que eles se bastam ou que estão sós no mundo.” (Rey-Flaud¹⁹⁰ – Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura – p. 36) Enclausuradas numa bolha recriam o estado narcisico original onde o objeto não é passível de substituição nem de partilha. “Os indivíduos duplos encontraram de uma vez por todas os objetos “deles” e perduram petrificados num gozo atemporal: nada, nem ninguém pode perturbar esses casais de pedra, senão o intruso, pronto a suscitar a cólera e o ódio deles, que se apresenta no limite do círculo mágico deles.”¹⁹¹ (Rey-Flaud p. 37)

A possibilidade de um contraponto é bastante elucidativa, portanto gostaria de relembrar agora uma situação no documentário “Carrego Comigo” onde é retratado um desfecho oposto ao acima descrito, isto é os gêmeos se diferenciam. Trata-se dos irmãos cartunistas que numa cena relembram o sonho materno de ter filhos gêmeos. Com a morte da mãe um deles sente-se liberto do desejo que os traziam aprisionados. Ele diz que se o desejo de ter filhos gêmeos era da nossa mãe, agora que ela não está mais entre nós, podemos seguir cada um a sua própria vida.

Constatamos também que estes gêmeos não se vestem da mesma forma, moram em cidades diferentes, constituíram família própria e vão aos poucos apresentando

¹⁸⁹ FREUD, S. (1919). “O estranho”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

¹⁸⁹ REY-FLAUD, H. “Em torno de o mal-estar na cultura de Freud”. São Paulo: Escuta, 2002, p. 36.

¹⁹⁰ *ibid.* p. 37.

traços fisionômicos diferenciados. Neste caso, a entrada na dupla do terceiro normatizante foi possível e, a partir de então, podemos pensá-los como qualquer outra pessoa nascida de uma gestação simples.

CAPITULO V – À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao termino deste estudo, creio poder afirmar que a experiência do nascimento duplo revela-se como uma dificuldade particular que se apresenta aos gêmeos na aquisição de identidade sem, no entanto, a impedir. Podemos recorrer à Serie Complementar proposta por Freud¹⁹² para a elucidação do processo de formação dos sintomas e, ao aplicar no estudo dos gêmeos, compreender sua especificidade. De acordo com esta proposição freudiana, a formação de sintomas decorre de uma serie de ocorrências, que se tornam complementares resultando, então, numa escolha de sintomas. Na cadeia dispositiva os nascimentos gemelares encontrar-se-iam dentro do item – constituição: tendo em vista, os primeiros anos de vida da pessoa, ou sua história pessoal e particular, a maneira como cada componente do grupo familiar reage a esta condição especial do nascimento duplo pode resultar uma fixação libidinal e, consequente estruturação narcísica do eu onde reconhecemos o Complexo Fraternal. A esta disposição torna-se necessária a ocorrência de fatores atuais causais que definirão a formação de sintomas.

Exemplificando pelos casos aqui estudados, segue-se que para Ani e Iná a constituição compreende o fato do nascimento duplo e a forma particular como tanto elas quanto seus familiares regiram ao acontecimento o que resultou numa fixação. Esta se atualiza num momento especial de suas vidas onde percebemos a possibilidade do envelhecimento e tudo que está intimamente associado a ele.

Já para Consuelo por constituição incluímos o nascimento duplo, a morte de seu par, figurada no imaginário como devido a uma preferência e uma rejeição. Em

¹⁹² FREUD, S. (1917[1916-17]). “Conferências introdutórias XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 423.

seguida, o nascimento de outro bebê: Francis cujo nome recebido vem impregnado de história, desejo e destino. Nos gêmeos assim recriados, há uma imposição da fantasia familiar quando demonstram a impossibilidade de elaboração do luto anterior e, em decorrência disso, a não aceitação de um novo ser nos seus aspectos de novo e diferente. A herança do nome da outra que morreu bem como o encontro com Consuelo que a aguardava para retornar à família impõe uma forma especial de relacionamento entre elas: a partir de então são tratados e reconhecidos como “falsos gêmeos” .

A característica fantasmática cria laço de submissão/dominação bem como uma certa viscosidade fusional do par. Esta adesão fusional também é estendida às outras situações relacionais de suas vidas seja no trabalho, na amizade, e na escolhas objetais¹⁹³.

Reconheço na vida dos gêmeos, situações diferenciadoras em relação aos nascimentos simples, plenas de conseqüências na determinação de uma subjetividade. Mesmo sabendo que a irmandade aproxima em termos de igualdade o grupo de irmãos e irmãs que têm os mesmos pais, pertencem à mesma geração e apresentam diferenças pequenas na idade, a situação de mesma data de nascimento, mesma tendência patológica, mesmo grupo sanguíneo e DNA é uma vivência impar e única e, portanto, com resultados também impares e únicos.

Gêmeo é aquele que acompanha sem ser ilusão, sendo igualdade facilmente reconhecida, é também estranha e ameaçadora. É fonte de prazer e poder e, ao mesmo tempo, de ameaça. Simboliza a imortalidade que, simultaneamente, anuncia o desaparecimento do Eu, incapaz de uma diferenciação identitária.

¹⁹³ Remeto os leitores ao livro de Louis Althusser “ O futuro dura muito tempo” p. 42 onde, na sua autobiografia, nos deparamo-nos com a confissão do “horror” sentido em relação ao seu próprio nome, que sendo igual ao do seu tio paterno – primeiro amor da mãe – morto na Guerra, o enclausurava, a seu ver, na imagem e representação do outro – aquele terceiro ausente que o despojava de toda personalidade própria. ALTHUSSER, L. “O futuro dura muito tempo”. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

Acompanhando a vida das gêmeas Ani e Iná, percebo uma fase de diferenciação quando cada uma buscou identidade própria, constituiu família até mesmo em cidades diferentes. Em seguida, voltam para Uberaba, escrevem e publicam o livro retomando a identidade infantil da gemealidade. Atualmente, estão sempre fantasiadas de gêmeas e, visivelmente, num movimento crescente de apagamento dos nomes próprios e assunção da questão da gemealidade como identidade comum. Parecem ter vivido uma fixação na fase narcísica do desenvolvimento, para onde retornam, mais especificamente no Complexo Fraternal, onde o outro do par pode ser para cada um o duplo mágico e imortal aquele que distingue a dupla outorgando-lhe poderes especiais, possibilitando feitos heróicos. Apresentam-se distantes, fechadas em si mesmas, poderia mesmo dizer, fusionadas, o que impede a organização triangular neurotizante.

A análise vivida por Consuelo revelou-nos, também, seu aprisionamento no Complexo Fraternal na experiência agressiva da formação de uma subjetividade resultado do processo de identificação primária: incorporação oral do outro e aprisionamento do Eu primitivo numa imagem que, como nos revela Lacan, são “as imagens de castração, emasculação, mutilação, desmembramento, desagregação, eventração, devoração, explosão do corpo, em suma, as imagens que agrupei pessoalmente sob a rubrica, que de fato parece estrutural, de imagens do corpo despedaçado”.¹⁹⁴ A agressividade em Psicanálise – 1948, In *Escritos* p. 107

A Francis tem a função de gêmeo imaginário, duplo narcísico na vida de Consuelo, parece ser a substituta de sua irmã e par gemelar morta, portanto deflexão projetiva e defensiva. Consuelo parece ter operado apenas a primeira secção - a do

¹⁹⁴ LACAN, J (1949). “A agressividade em Psicanálise”. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 107.

corpo materno - sem, no entanto, constituir o outro enquanto alteridade, uma vez que no lugar do outro se revelou o duplo imaginário. Minha analisanda encontra-se presa a um tipo de relações tanáticas de escravo e senhor com o apagamento de um na dupla.

Durante seu tempo analítico, algumas fantasias persecutórias se presentificaram e observamos a transformação repetitiva de objetos amados e idealizados em perseguidores implacáveis dos quais era preciso fugir defensivamente, como também uma dificuldade de manter vinculações amorosas e força decisória. Até o momento, não conseguiu definir-se por uma ou outra pessoa, mantendo o relacionamento estatizado onde não reconhecemos um projeto de vida, um desejo, uma perspectiva de futuro a ser buscado no par.

Mostrando-se suave e doce para o convívio social, preocupada com as amigas a ponto de telefonar-lhes às vezes pela manhã apenas para lhes dar “bom dia” foge no enclausuramento isolacionista, assim que percebe uma tentativa de intrusão do outro na sua vida. Revela-se não sugestionável mesmo que crédula; forte e intransigente mesmo que frágil e submissa.

McDougall¹⁹⁵ encontrou na sua clínica psicossomática reações defensivas à sobrevivência, como por exemplo, a impossibilidade de ser feliz, de viver a própria vida. Estendendo sua análise à experiência particular da Consuelo percebo-a num conflito onde para dar conta da culpa de ter sobrevivido vincula-se no re-nascimento da Francis e ainda se impede o direito à vida, à alegria e ao prazer. Mantêm-se só e reclusa, foge do mundo social e impede que este invada seu espaço privado.

Retomando as perguntas que originaram este trabalho acredito que posso respondê-las da seguinte forma, após tudo que foi exposto:

¹⁹⁵ MCDUGALL, J “As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana”. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Os nascimentos duplos se mostram diferentes desde o período gestacional, porque os fetos interagem e prefiguram seus relacionamentos futuros.

Ser pais de gêmeos representa um desafio maior, pois os gêmeos necessitam de um olhar de reconhecimento diferenciador imprescindível para a assunção de identidade única e singular apesar do igual e idêntico.

Para os gêmeos, eles mesmos, existe um risco de permanência na dupla gemelar sem a separação/individuação ou ainda apresentando falhas neste processo de aquisição de identidade única e singular. Assim poderiam permanecer sem alteridade e, conseqüentemente, sem desejo.

Por outro lado como a experiência gemelar não impede a separação Eu/Não Eu, somente a dificulta, aos gêmeos também é dada a oportunidade de quebrar o vínculo mortífero da experiência narcísica, impondo-se como diferente, escapando da obstrução que o semelhante representa.

Os gêmeos univitelinos são confrontados desde o início com a experiência do idêntico que não é ilusão. O outro do par reflete e acompanha criando situações obstrutoras ao processo de diferenciação que as Series Complementares de Freud¹⁹⁶ para a compreensão do processo de Formação dos Sintomas Neuróticos também esclarecem, tal como exposto anteriormente p. 109.

Esta explicação seria complementada pelo conceito de Fixação, uma vez que significa constituir “uma virtualidade predominante que abre ao indivíduo o caminho da regressão.” Laplanche e Pontalis¹⁹⁷ p. 251 De acordo com esta concepção, ao longo do caminho do desenvolvimento podem ocorrer vivências com forte acento afetivo que

¹⁹⁶ FREUD, S. (1917[1916-17])... “Conferências introdutórias XXIV: O estado neurótico comum”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 441.

¹⁹⁷ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. “*Vocabulário das, Psicanálise*”. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970, p. 251

impõem ao sujeito imagos de objeto e formas relacionais próprias de fases anteriores, onde, na experiência gemelar, reconhecemos estruturas narcísicas e fantasias do Complexo Fraternal. As angústias neuróticas se referem aos direitos dos adultos, aos prazeres sexuais e ao corpo erogeno, já as psicóticas se referem ao terror narcísico do desmembramento ou do esfacelamento.

As atitudes parentais e sociais ou ainda dos próprios gêmeos que salientassem as diferenças apresentam-se como fatores facilitadores no processo de aquisição de identidade própria e singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. “O futuro dura muito tempo”. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

ARFOUILLOUX, J.C. “Celui qui ne cessait de m’accompagner. *Nouv. Ver.psych.* 36: 143,1987.

ASSIS, M. “O espelho”. In:_____. *O medalhão* São Paulo: Clube do Livro, 1965.

AULAGNIER, P. “A violência da interpretação: Do pictograma ao enunciado”. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

BECEIRO, A. M. V. “Narcisismo y gemelaridad, una historia de amor”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000.

BELMONT, N. “Quelques sources anthropologiques du problème de la gémellité”. In: *Topique Revue Freudienne* 50, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Édition Dunod Revue, 1969.

BÉRENSTEIN, I.: PUGET, J. “De l’engagement amoureux au reproche”. In: *La thérapie psychanalytique du couple*. Paris: 1984.

BERNOS, A. “A propôs du fantasme de fantasme de gémellité: le jumeau mort”. In : *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex: Édition Dunod Revue, 1969.

BION, W.R. “Estudos Psicanalíticos”.(SECOND THOUGHTS). Rio de Janeiro: Imago.1994.

BITTENCOURT, A. & Bittencourt, I. “Gêmeos, semelhança oculta”. Uberaba: Vitória, 1999.

BRAIER, E.(org.) & outros. “Gemelos narcisismo y dobles”.. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000.

_____“Los cuatro puntos cardinales: gemealidad-complejo fraterno-narcisismo-dobles”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000.

_____“Dead Ringers (Inseparables: Pacto de amor) ”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000

_____“La estructura narcisista gemelar y la carência materna”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000.

BRAVO, N. F. (1) dez: “Duplo”. In: BRUNEL, P. *Dicionário de mitos literários*. 2a.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 261-287, 1998.

BRUNEL, P. “Dicionário de mitos literários”. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

BRUSSET, B. “El vínculo fraternos y el psicoanálisis”. *Revista de Psicoanálisis*. nº 2. Buenos Aires: APA, XLIV, 1987.

FREUD, S. (1895). “Projeto para uma psicologia científica”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____(1900). “A interpretação de sonhos”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____(1914). “Sobre o narcisismo: Uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____(1917[1916-17]). “Conferências introdutórias XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____(1917[1916-17])... “Conferências introdutórias XXIV: O estado neurótico comum”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____(1919). “O estranho”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____(1919). “Uma criança espancada’ Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” . In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____(1920). “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____(1921). “Psicanálise e Telepatia”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____(1922). “Alguns mecanismos neuróticos do ciúme, na paranóia e no homossexualismo”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____(1923). “O Ego e o Id”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GREEN, A. “Narcisismo de vida, narcisismo de morte”. São Paulo: Escuta, 1988.

JABBOUR, C. & MARQUES, L. “Gêmeos: onde está a semelhança?”. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000.

KAËS, R. “Le complexe fraternel: Aspects de sa spécificité”. *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Edition Dunod Revue, 1969.

KEHL, M. R. “Existe uma função fraterna”. In:_____.*Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2000.

KANCYPER, L. “Complejo fraterno y complejo de Édipo”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000.

KEPPLER, C. F. (1972). “The literaure of the second self, University of Arizona, Press Tucson”. In: BRUNEL, P. *Dicionário de Mitos Literários*. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988.

LACAN, J. (1959/1960). “A Família”. 2a. ed. Lisboa: Assirio & Alvim, 1981.

_____ “A ética da Psicanálise”. Livro VII. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____(1960-1961).“A transferência”.Livro VIII. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____ “Os complexos familiares na formação do individuo: ensaio de análise de uma função em psicologia”. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

_____(1949).“A agressividade em Psicanálise”.In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____ (1948). “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. “*Vocabulário das, Psicanálise*”. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LAPLANCHE, J. (1970). “El yo y el narcisismo”. In: _____. *Vida y muerte en Psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.

_____ “Vie et mort em psychanalyse”. Paris: Flammarion, 1970.

MALDAVSKY, D. “Los dobles, la ligadura pulsional y los procesos subjetivos”. ”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF

MAUPASSANT, G. “Bel Ami S.A”. S.A. Madrid: Promoción y Ediciones, 1999.

MARQUEZ, I. S. M. A. B. “Gêmeos: Semelhança revelada”. *Pulsional – Revista de Psicanálise* nº 185. São Paulo: Escuta, março/2006.

MCDUGALL, J. “Théâtres du Je”. Paris: Éditions Gallimard, 1982.

_____ “As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana”. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____ “Teatros do Corpo: O psicossoma em Psicanálise”. São Paulo: Martins, Fontes, 2000.

MEZAN, R. “Freud, pensador da cultura”. 5a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____ “Tempo de muda: Ensaio de Psicanálise”. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____ “Interfaces da Psicanálise”. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

PAUL, J. “Titã, 1801 – 1803”. In: BRAVO, F. N. (1) dez: Duplo, In Brunel, Pierre – *Dicionário de Mitos Literários*. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

PAULME, D. “Organisation sociale chez les dogon, paris domat-montchrestien”. In: BELMONT, N. *Quelques sources anthropologiques du problème de la gemellité*, Topique Revue Freudienne 50, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex: Édition Dunod Revue, 1940.

PEARSON, J. “Os Gêmeos; a história completa dos irmãos Kray e do império do crime que levantaram dentro de Londres”. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1974.

PEREIRA, M. E. C.. et al: “Psicopatologia dos ataques de pânico”. São Paulo: Escuta, 2003.

PIONTELLI, A. “Recherche sur les jumeaux avant et après la naissance”. *Topique Revue Freudienne* 51, Les Jumeaux Et Le Double. Montrouge Cedex : Edition Dunod Revue, 1969.

POE, E. A. “William Wilson”. In: _____. *Poesia e Prosa*. Porto Alegre: Globo, 1960.

RANK, O. “Don Juan et le double”. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1932.

REY-FLAUD, H. “Em torno de o mal-estar na cultura de Freud”. São Paulo: Escuta, 2002.

SALZBERG, B. “Los espejos vivientes”. In: BRAIER, E. (org.) & outros: *Gemelos Narcisismo y dobles*. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2000.

SILVA, Jr, M. R. “O manejo da regressão: Apontamentos para uma perspectiva winnicottiana”. *Percurso revista de Psicanálise* Ano IX - nº 17. São Paulo: Stampato 1996.

SOURZAT, M.C., “Les motif du jumeau”. *Topique Revue Freudienne*, 51, Les jumeaux et le double. França: Édition Dunod Revue, 1993 .

TANIS, B. “Circuitos da solidão - entre a clínica e a cultura”. 2a. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2004.

TURNER, V. W. (1990). “Le phénomène rituel: Structure et contre-structure, Paris”, PUF (Ethnologies). In: BELMONT, N: *Quelques sources anthropologiques du problème de la gemellité, em Topique Revue Freudienne 50, Les Jumeaux Et Le Double*. Montrouge Cedex: Édition Dunod Revue, 1969.

UCHITEL, M. “Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma”. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

VALABREGA, J. P. “Préface.Lê motif du jumeau: Identité-alterité”. em *Topique Revue Freudienne 50, Les Jumeaux Et Le Double*. Montrouge Cedex: Edition Dunod Revue, 1969.

WINNICOTT, D.W. “Tudo começa e casa”. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ZYGOURIS, R. “Ah! As belas lições! ”. São Paulo: Escuta, 1995.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)